

ALMANAQUE

F U T U R O

JUNHO DE 2025

ESPECIAL ANIVERSÁRIO
FOZ DO IGUAÇU III ANOS

EDIÇÃO EM
PDF ELETRÔNICO LIVRE

FOZ

111



Foto gentilmente cedida pelo Visit Iguaçu



Foz do Iguaçu, 111 anos: muitos tempos, uma só cidade

Um local construído por eras geológicas, povos migrantes,
disputas políticas e histórias ainda em aberto.

EDITORIAL



Quando uma cidade alcança 111 anos de emancipação política, mais do que uma marca cronológica, celebra-se a resistência do tempo e a complexidade de sua trajetória. No caso de Foz do Iguaçu, essa celebração não pode se limitar a datas ou efemérides. É necessário mergulhar em seus muitos tempos — geológicos, históricos, sociais, econômicos e culturais — para compreender a extensão da experiência que este território carrega.

Foz do Iguaçu não é apenas uma cidade no extremo oeste do Paraná. Ela ocupa um espaço geográfico e simbólico de rara singularidade. Está fincada no coração de uma tríplice fronteira, moldada por encontros e confrontos, miscigenação e fluxos migratórios, interesses nacionais e internacionais. É uma cidade de travessias, de contrastes, de múltiplas versões sobre um mesmo fato. Uma cidade que nasceu do silêncio das matas, foi desenhada por rios milenares, esculpida por falhas geológicas e lapidada por sucessivos projetos de poder e progresso.

Este suplemento especial foi concebido não como um repositório de nostalgias ou uma sequência de louvores. Ele nasce de uma necessidade editorial e histórica: a de compreender Foz do Iguaçu como um organismo em movimento, que abriga histórias ainda mal contadas, processos mal compreendidos e episódios esquecidos. Em vez de narrativas lineares e oficiais, propomos aqui uma costura crítica dos tempos que formam a cidade — desde os ciclos naturais da era de Gondwana até os desafios contemporâneos de um município que busca conciliar crescimento com sustentabilidade.

Ao longo das próximas páginas, o leitor encontrará reportagens que revisitam acontecimentos marcantes com o rigor da apuração e a inquietação da dúvida. Vamos da visita de Santos Dumont, figura decisiva para a proteção das

Cataratas e criação do Parque Nacional, à controvérsia sobre a passagem ou não da Coluna Prestes pela região. Daremos atenção à formação geológica do território, ao impacto de ciclos econômicos como a madeira, a erva-mate e a construção de Itaipu, que redesenhou completamente a cidade e provocou um salto demográfico e urbanístico sem precedentes.

A edição também se propõe a iluminar zonas pouco exploradas: os vazios documentais do período entre os séculos XVI e XIX, a invisibilidade dos povos originários, o papel da Igreja e dos militares na ocupação territorial e os embates socioambientais que marcaram cada etapa do desenvolvimento local. Em meio a tudo isso, surgem nomes fundamentais, como Moisés Bertoni, Monsenhor Guilherme, Cândido Rondon, entre outros, cuja atuação ainda carece de maior reconhecimento público.

Cada página deste suplemento foi estruturada com critério jornalístico e seriedade histórica. O conteúdo é resultado de pesquisas, confrontos de fontes, leituras interpretativas e o compromisso com a construção de conhecimento. Não se pretende aqui encerrar debates, mas instigar novos olhares, provocar perguntas, reacender investigações.

Porque Foz do Iguaçu é feita de muitas camadas — visíveis e subterrâneas — que merecem ser escavadas com mais cuidado, escutadas com mais atenção, narradas com mais profundidade. Não há cidade viva sem memória crítica. E não há futuro sustentável sem revisitação honesta do passado.

Que este caderno especial possa, portanto, servir como ponto de partida. Um mapa parcial, porém honesto, de uma cidade que ainda está sendo escrita — e que precisa ser lida com mais seriedade, generosidade e atenção.



Foz do Iguaçu, 111 anos: muitos tempos, uma só cidade

Um local construído por eras geológicas, povos migrantes,
disputas políticas e histórias ainda em aberto.,

Muito antes da cidade, do rio com nome em guarani, das fronteiras traçadas em mapas e dos turistas em fila para ver as Cataratas, havia só o tempo. E pedra. E água. O que hoje conhecemos como Foz do Iguaçu era, há centenas de milhões de anos, parte da supermassa continental conhecida como Gondwana. Mais precisamente, no que seria o centro-oeste desse imenso bloco de terra que unia o que viria a ser a América do Sul, África, Índia, Austrália e Antártida.

A história geológica da região é marcada por rupturas profundas. As placas tectônicas se movimentaram, rearranjando oceanos e continentes. No período Ordoviciano, há cerca de 480 milhões de anos, o território foi empurrado em direção ao litoral do antigo Golfo de Pantalassa e, em determinados momentos, esteve parcialmente submerso. A superfície era dominada por extensas camadas de basalto, rocha vulcânica formada por erupções intensas, cuja presença hoje é visível em cada degrau das Cataratas do Iguaçu.

Esse passado submerso e vulcânico moldou a paisagem que conhecemos. Entre 200 e 130 milhões de anos atrás, o território compunha a Pangeia, supercontinente que começou a se fragmentar até dar origem ao que hoje é o Brasil e toda a América do Sul. As fraturas geológicas que acompanham esse processo foram decisivas para o desvio do leito do rio Iguaçu, que originalmente corria para o sul-sudoeste. Uma ruptura no solo fez o rio dobrar para noroeste, descrevendo uma curva em forma de “U” e criando, em seu salto, as quedas d’água que hoje deslumbram o mundo.

A sequência de degraus basálticos esculpidos pelas fraturas, combinada ao enorme volume hídrico da bacia do rio Iguaçu, deu origem às

Cataratas como conhecemos. Um fenômeno natural milenar, em constante erosão e transformação, que antecede qualquer presença humana documentada.

Foi só há cerca de 5 milhões de anos que a configuração atual da região se consolidou, e há aproximadamente 2,5 milhões de anos que surgiram os primeiros hominídeos no Planeta. A nossa espécie, o *Homo sapiens*, é recente nesse quadro: tem, segundo a ciência, pouco mais de 200 mil anos. No que hoje é o sul do continente americano, os primeiros registros de ocupação humana remontam a cerca de 12 a 15 mil anos — o que situa os primeiros habitantes da região de Foz em um contexto arqueológico ainda em processo de escavação e estudo.

Sabemos que esses grupos viviam em harmonia com os ciclos naturais, seguindo cursos de rios, vivendo da caça, pesca e coleta. Eram nômades, até que, aos poucos, surgiram formas mais complexas de ocupação. Ainda assim, o tempo da natureza foi, por muito mais tempo, o único soberano nesta terra.

Antes de ser ponto turístico, cidade de fronteira ou palco de disputas políticas, Foz do Iguaçu foi uma construção paciente da Terra. Seu solo guarda memórias geológicas, fósseis e marcas de um mundo que já não existe, mas que continua nos sustentando.

Conhecer essa origem é fundamental para compreender a grandiosidade do presente — e as responsabilidades que temos sobre ele.





FOZ DO IGUAÇU DISSE SIM AO URBAN

75% DAS UNIDADES COMERCIALIZADAS EM TEMPO RECORDE

URBAN RESIDENCE

UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE VIVER

Invista no Urban Residence:
localização estratégica,
infraestrutura completa e alto
potencial de valorização. O
momento certo é agora.

Urban Residence é mais do
que moradia, é oportunidade
de rentabilidade com imóveis
compactos e bem localizados
em Foz do Iguaçu.



Conheça os decorados no showroom
da Rua Edmundo de Barros, 712 e
agende sua visita



(45) 99821-1093



tarobá
CONSTRUÇÕES LTDA.



Os Primeiros Povos

Muito antes dos colonizadores, grupos humanos já habitavam a região há milênios, deixando vestígios de sua presença nas margens dos rios e na memória da floresta.



A história de Foz do Iguaçu não começa com a criação do município em 1914, tampouco com as primeiras expedições ibéricas pelo interior do continente. A ocupação humana é muito mais antiga, embora ainda pouco explorada e documentada. Estudos arqueológicos indicam que grupos humanos podem ter habitado as terras entre o rio Paraná e o Iguaçu há pelo menos 5 mil anos.

Foram povos nômades, caçadores e coletores, que se adaptavam aos campos, pântanos, matas e rios, em um ambiente que mudava constantemente ao longo dos milênios. Viviam próximos aos cursos d'água, onde encontravam alimento, abrigo e meios para sua mobilidade. Os vestígios deixados — como lascas de pedra, ferramentas rudimentares e marcas de fogueiras — ainda são objetos de escavações e controvérsias, já que a arqueologia regional continua carente de investimentos e visibilidade.

A presença de cerâmicas e traços de aldeamentos em áreas mais altas indica o surgimento posterior de grupos organizados, possivelmente ligados às tradições tupi-guarani. Esses povos desenvolveram culturas com forte ligação espiritual à natureza, organização social complexa e um profundo conhecimento dos ciclos fluviais e florestais. A oralidade, a cosmologia e o domínio do ambiente fizeram dessas comunidades guardiãs do território muito antes de qualquer ocupação europeia.

Estima-se que o atual território de Foz do Iguaçu tenha sido uma zona de transição e circulação entre diferentes etnias indígenas. Não havia fronteiras

fixas, mas redes de contato, troca e até disputa por áreas de caça e pesca. A confluência dos rios e a abundância de recursos naturais fizeram dessa região um corredor ancestral — o que reforça sua importância estratégica mesmo antes da era colonial.

Com a chegada dos europeus, a história muda de tom. Em meados do século XVI, os colonizadores espanhóis passaram a mapear a região e, com eles, vieram as doenças, a escravidão e a ruptura dos modos de vida tradicionais. A floresta que protegia esses povos também começou a ser explorada, e os registros sobre os habitantes originários foram quase apagados.

Hoje, os descendentes guarani continuam presentes na Tríplice Fronteira, resistindo cultural e fisicamente, embora muitas vezes marginalizados nos limites invisíveis das cidades. Relembrar os primeiros povos é também um ato de reconhecimento: foram eles os verdadeiros fundadores deste território.

O solo de Foz guarda histórias que não foram escritas, mas que permanecem. Para compreendê-las, é preciso escutar a terra, os rios e os povos que por ela passaram — e ainda permanecem, mesmo que a cidade moderna, por vezes, prefira esquecê-los.



Cabeza de Vaca e o caminho para Assunção

Em 1542, o explorador espanhol teria atravessado as terras onde hoje está Foz, seguindo rumo ao Paraguai. Sua jornada é considerada o primeiro registro europeu da região.

Entre os muitos marcos históricos atribuídos à região onde hoje está Foz do Iguaçu, um dos mais citados — e ao mesmo tempo mais envoltos em lacunas — é a passagem do conquistador espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca, em 1542. Designado governador do Paraguai pela Coroa de Castela, ele liderou uma expedição por terra desde o litoral atlântico até Assunção, numa travessia considerada épica e, para muitos, o primeiro contato documentado de europeus com as Cataratas do Iguaçu.

Segundo seu próprio relato, o grupo seguiu por trilhas indígenas, enfrentando selvas densas, pântanos, rios caudalosos e uma fauna hostil. Cabeza de Vaca teria atravessado o atual território do Oeste paranaense por meio de muita diplomacia com os grupos indígenas, doenças tropicais e carência de suprimentos. Durante essa travessia, afirma-se que o grupo teria avistado — e registrado — as quedas d'água do rio Iguaçu. A descrição deixada por ele fala de "tanta água que o céu parecia desabar" e de um ruído ensurdecido que dominava a paisagem. Muitos estudiosos identificam esse trecho como a primeira menção às Cataratas.

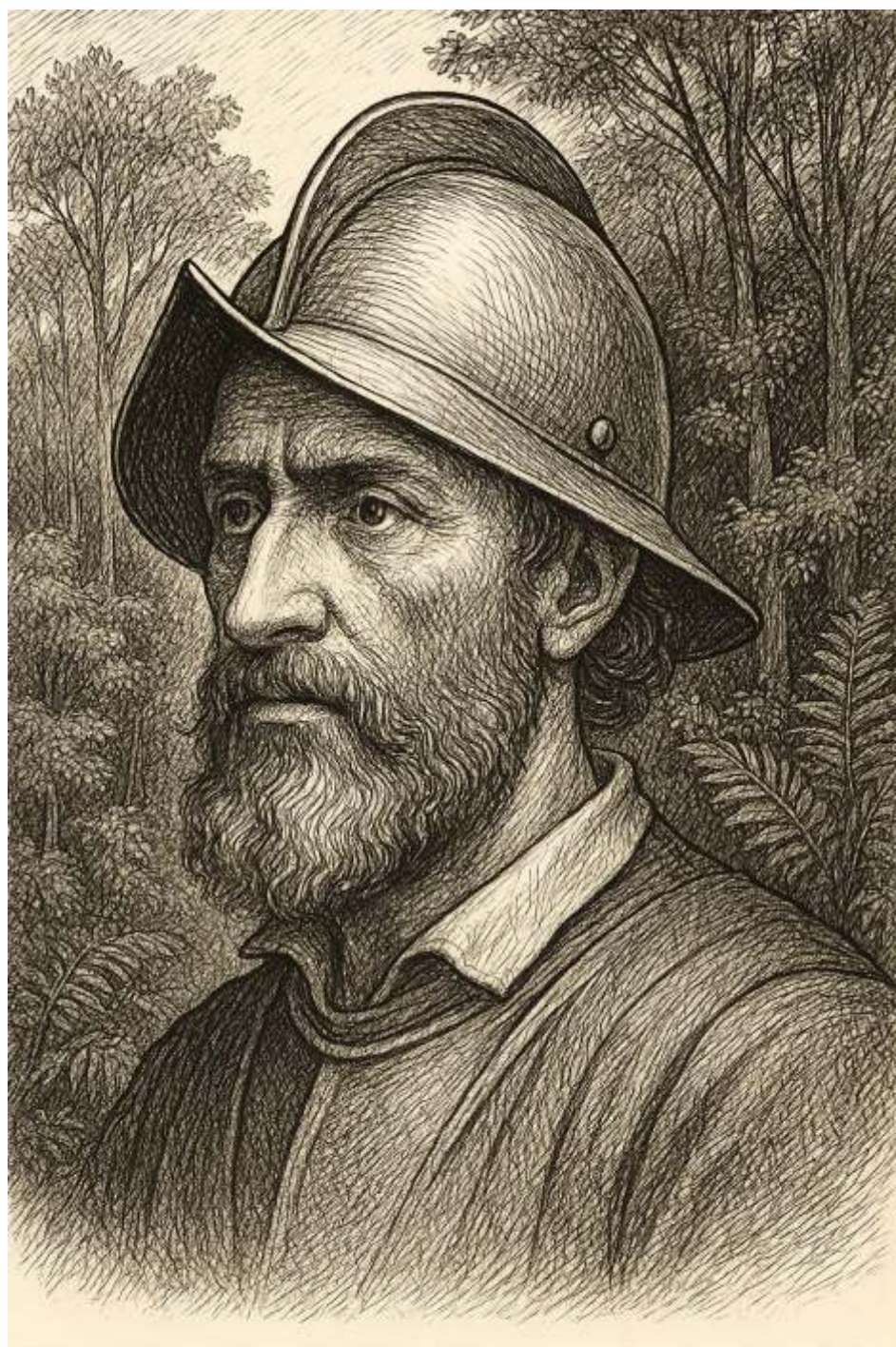
O que torna essa narrativa relevante, além de pioneira, é o seu valor simbólico: marca o início da presença europeia em terras do que viria a ser o Paraná, ou Província de Vera, assim batizada, ainda que precariamente descritas nos mapas da época. Foz do Iguaçu, então, estava inserida em um contexto de travessia — um território em meio ao caminho, entre a costa atlântica e os primeiros núcleos de colonização espanhola no interior do continente.

No entanto, a precisão histórica da rota ainda é alvo de debates. Não há documentação cartográfica definitiva que comprove a exata localização dos passos de Cabeza de Vaca. Parte da jornada foi reconstruída por meio de relatos indiretos, crônicas coloniais e pesquisas arqueológicas recentes, que ainda estão em andamento. A região era, à época, território de nativos guarani, que reagiam com hostilidade às invasões, forçando as expedições a alterarem seus caminhos. Há que diga que a expedição de Álvar Nuñez tenha encontrado pelo caminho a região de Guaíra, e as Sete Quedas.

Mesmo assim, a simbologia permanece: 1542 é tido como o ano da “descoberta europeia” da região de Foz do Iguaçu, o que confere ao território quase 500 anos de inserção nos mapas mentais e estratégicos dos colonizadores. Cabeza

de Vaca não fundou cidade, não deixou monumentos, nem nomeou lugares. Mas sua passagem representa o ponto de partida da longa e conflituosa relação entre os interesses coloniais europeus e os povos originários do Cone Sul.

Recontar esse episódio com honestidade historiográfica é também reconhecer que a história de Foz começou muito antes da cidade. E que, mesmo sob os olhos dos cronistas da conquista, a região já pulsava com vida própria.





A energia da **ITAIPU** está presente em iniciativas que mudam milhões de vidas.

Mais de 11 milhões de pessoas beneficiadas no Paraná e no Mato Grosso do Sul.

A Itaipu é mais que energia. Ela também é o trabalho que contribui para a redução da tarifa de luz dos brasileiros, é a missão que garante investimentos em projetos e iniciativas que impulsionam o desenvolvimento sustentável, fortalecem a transição energética e promovem a inclusão social. Com uma gestão transparente e comprometida, **alinhada às diretrizes do governo federal**, a **Itaipu** já transformou a vida de muitas pessoas no Paraná e no Mato Grosso do Sul, levando desenvolvimento e oportunidades para famílias e comunidades, impulsionando um futuro mais justo e sustentável.

Somos mais...

- Preservação de rios e nascentes
- Apoio aos catadores de recicláveis
- Instalação de energia solar em hospitais
- Incentivo à agroecologia
- Investimentos em infraestrutura



itaipu.gov.br

itaipubinacional
ItaipuBinacionalOficial





O tempo escuro: entre missões e o vazio histórico

Apor quase 300 anos, a história da região permaneceu sem registros precisos. Um hiato de silêncios, perdas documentais e ocupações que escaparam à memória oficial.

Quanto à passagem de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, em 1542, e os primeiros registros formais de ocupação permanente no século XIX, estende-se um dos períodos mais enigmáticos da história regional: um hiato de quase 300 anos que ainda hoje intriga historiadores e arqueólogos. Esse “tempo escuro” de Foz do Iguaçu revela muito mais do que a simples ausência de documentos — evidencia a fragilidade das fontes coloniais, os silêncios sistemáticos das narrativas oficiais e o esquecimento deliberado de territórios considerados periféricos, de difícil acesso ou estratégicos demais para serem descritos.

Há hipóteses fundamentadas em estudos etnogeográficos e relatos orais que sugerem que a região permaneceu isolada por fatores geográficos e simbólicos. Cercada por precipícios e quedas d’água monumentais — como as Cataratas do Iguaçu ao sul, o Salto de Sete Quedas ao norte e o Salto Monday ao oeste —, Foz do Iguaçu configurava-se como um espaço de difícil penetração. Florestas densas, escarpas íngremes, animais selvagens e a ausência de rotas navegáveis estáveis reforçavam o caráter intransponível do território. As matas não eram apenas barreiras físicas, mas também espirituais.

Neste contexto, surgem referências a um possível conceito ancestral: Ara'puka, expressão tupi que pode ser entendida como “reduto sagrado atraente” ou “lugar-refúgio”. A região seria preservada por grupos indígenas — como os Querandis, Charruás, Payaguás, Caingangues e Guaranis — que se revezavam como guardadores naturais desse espaço. Para esses povos, a abundância de água, pesca, caça e solos férteis não era apenas sustento, mas parte de um equilíbrio espiritual a ser mantido, e não violado.

A presença desses grupos não gerou registros escritos, mas construiu saberes ancestrais transmitidos oralmente e vinculados à floresta. Sua resistência e mobilidade ajudaram a manter a região relativamente intocada, longe das estruturas formais de colonização, longe também das lentes da Igreja e da Coroa. O que hoje se interpreta como vazio histórico, talvez seja, na verdade, um tempo de proteção consciente, um território guardado pelo silêncio e pela reverência à natureza.

Após os primeiros contatos europeus, a região do Alto Paraná permaneceu como zona de risco, de fronteira fluida e de resistência indígena. As investidas espanholas e, mais tarde, lusitanas, concentraram-se em áreas mais

acessíveis e de valor comercial imediato. O atual território de Foz ficou à margem das grandes rotas coloniais. Nem cidades, nem fortes, nem paróquias foram fundados aqui no período colonial.

Ainda assim, sabe-se que por volta dos séculos XVII e XVIII, a região passou a integrar as rotas missioneiras. Grupos jesuítas espanhóis, com apoio da Coroa, tentaram consolidar aldeamentos para converter e organizar os povos indígenas sob o modelo reducional. Os registros dessas missões, porém, são vagos e frequentemente se referem ao território de forma ampla, sem delimitações precisas. Muitos desses documentos foram perdidos ou destruídos durante as guerras guaraníticas, conflitos entre as coroas ibéricas, mercenários portugueses e a população nativa.

Os rios Iguaçu e Paraná, no entanto, continuaram a ser eixos de trânsito — tanto para expedições extrativistas quanto para movimentos de fuga e refúgio. A ausência de registros oficiais não significa ausência de vida. Pelo contrário: a floresta seguia habitada por indígenas, foragidos, aventureiros, tropeiros e traficantes de escravizados. Mas essas presenças não deixaram documentos ou marcos permanentes.

Somente a partir da segunda metade do século XIX, com a intensificação do extrativismo vegetal (principalmente da erva-mate) e a lenta expansão da ocupação vinda de Santa Catarina e do Paraguai, é que o território começa a figurar com mais nitidez nos mapas administrativos e nas estratégias geopolíticas do Império Brasileiro. Mesmo assim, por muito tempo, a área permaneceu sob domínio privado — o que explicaria, mais tarde, o papel crucial de figuras como Santos Dumont na sua emancipação ambiental.

Esse longo vazio documental revela uma verdade incômoda: boa parte da história de Foz do Iguaçu não foi contada — ou foi apagada. O território era “conhecido demais para ser descoberto, e incômodo demais para ser registrado”. Um espaço marginal entre os interesses das coroas, da fé e do capital.

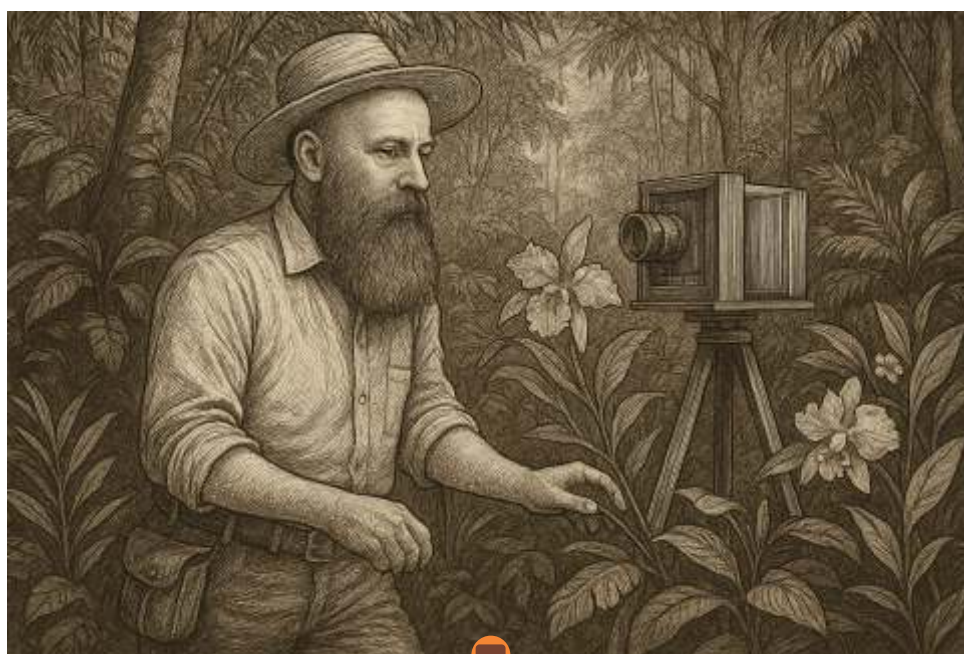
Resgatar esse passado é tarefa ainda em andamento. Exige arqueologia, revisão de arquivos, escuta das narrativas indígenas e coragem para preencher lacunas que, embora silenciosas, dizem muito sobre a formação da cidade.





Moisés Bertoni e a semente das Cataratas

Naturalista ítalo-suíço radicado no Paraguai, foi um dos primeiros a documentar cientificamente a riqueza natural da região. Suas observações antecederam e inspiraram o movimento pela proteção das Cataratas.



Muito antes da criação do Parque Nacional do Iguaçu, e décadas antes da visita de Alberto Santos Dumont, as quedas d'água e a mata exuberante da região já encantavam um cientista solitário e visionário: Moisés Santiago Bertoni. Nascido na Suíça, filho de italianos, Bertoni chegou à América do Sul em 1884, estabelecendo-se inicialmente na Argentina e depois em Puerto Franco — região paraguaia às margens do rio Paraná, em frente ao território que viria a ser Foz do Iguaçu. Com o tempo, adotou a cidadania paraguaia e transformou seu lar em um centro de pesquisa, à beira da floresta.

Bertoni foi um naturalista à frente do seu tempo. Catalogou centenas de espécies vegetais, estudou formações rochosas, ciclos climáticos e comportamentos dos povos indígenas da região trinacional. Acredita-se que tenha sido também um dos primeiros a fotografar as Cataratas do Iguaçu, utilizando câmeras rudimentares, mas com impressionante acuidade científica. Alguns estudiosos defendem que essas imagens teriam chegado até Buenos Aires e Paris, influenciando intelectuais e viajantes — entre eles, o próprio Santos Dumont, que teria decidido visitar o local após ver tais registros.

O cientista escrevia com profundidade sobre agricultura tropical, meteorologia, linguística, direito natural, astronomia e antropologia. Era defensor

da educação, da ciência aplicada e do respeito aos ciclos da natureza. Muito antes de se falar em desenvolvimento sustentável, Bertoni já pregava a convivência harmônica entre ser humano, floresta e tecnologia.

Mesmo tendo vivido e trabalhado do lado paraguaio do rio, sua presença intelectual e ambiental atravessou fronteiras. Sua atuação foi decisiva para a valorização científica das Cataratas e para o entendimento da floresta atlântica como patrimônio da humanidade. Ironicamente, e talvez por vontade expressa ou convenção diplomática, Moisés Bertoni foi sepultado em solo brasileiro, próximo ao Parque Nacional do Iguaçu, selando simbolicamente sua ligação com o território que tanto estudou e defendeu.

Hoje, parte de seu legado está preservado no Museu Bertoni, em Puerto Franco, mas muito ainda precisa ser redescoberto. Resgatar a história desse cientista ítalo-suíço-paraguaio é reconhecer que a ideia de fronteira é frágil diante do saber, da ciência e da floresta. E que a defesa das Cataratas começou não com cercas ou decretos, mas com observação, pesquisa e reverência à natureza.





Santos-Dumont: o libertador das Cataratas

Sua visita em 1916 não só expôs ao país a beleza das quedas, como foi decisiva para a desapropriação das terras e a criação do Parque Nacional do Iguaçu.

Entre mitos e documentos, lendas locais e registros históricos, a passagem de Alberto Santos Dumont por Foz do Iguaçu, em 1916, tornou-se um dos episódios mais marcantes da história da cidade. O “pai da aviação”, que já era a maior celebridade científica do Brasil e ícone internacional, atravessava um momento difícil. Deprimido com o uso militar dos aviões durante a Primeira Guerra Mundial e abalado por sintomas de esclerose múltipla, retornara ao Brasil em busca de silêncio e recuperação.

Naquele ano, aceitou ser patrono da 1ª Conferência Pan-Americana de Aeronáutica no Chile. Na volta, passou por Buenos Aires, onde um encontro casual mudaria os rumos da história local. Segundo relatos orais, Santos Dumont teria conhecido Moisés Bertoni em frente a uma gráfica especializada em cartões postais colorizados à mão. Uma imagem das Cataratas do Iguaçu exposta na vitrine teria capturado sua atenção — e, ao saber que o autor da fotografia estava ali, a conversa virou amizade. Ambos eram inventores, apaixonados por ciência, pacifistas e defensores da natureza.

Dumont decidiu então visitar pessoalmente as quedas. A viagem foi longa: de navio até o norte da Argentina, com destino final em Puerto Victoria (hoje Puerto Iguazú) — na época, a maior cidade da região, em pleno ciclo da erva-mate. Os brasileiros souberam que a celebridade estava do outro lado do Rio Iguaçu e não perderam tempo em buscá-lo. Durante a estada, com apoio de moradores locais, entre eles Frederico Engel, resolveram conhecer a propriedade do uruguaio Jesus Val, então dono oficial da área das Cataratas. A visita exigia expedição com batedores para abrir caminho na mata e espantar onças. O trajeto levava quase um dia inteiro, com direito a acampamento improvisado, lonas cedidas pela Companhia de Fronteira e almoço em quiosques cobertos com folhas de palmito.

Durante a expedição, Dumont teria se emocionado com o que viu. Diz-se que, ao observar o Salto Floriano, subiu em um tronco molhado à beira do abismo, para o desespero dos acompanhantes, e declarou que “as alturas não o intimidavam”. Ele registrou tudo em desenhos e escritos. Incomodado com o fato de uma maravilha natural estar em mãos privadas, viajou em lombo de burro até Guarapuava e, de lá, foi se encontrar com o então presidente do Estado do Paraná, Affonso Camargo, em Curitiba. O resultado foi um decreto de desapropriação da área, com pagamento ao proprietário.

O uruguaio Jesus Val tentou reverter a medida por décadas, inclusive oferecendo devolver o valor recebido, mas sem sucesso. Até hoje, reflexos jurídicos dessa desapropriação ecoam nos tribunais, mas referem-se a apenas 10% da área do Parque Nacional do Iguaçu, que hoje abrange 185 mil hectares. A polêmica não afeta a gestão ou a visitação, reconhecida internacionalmente como modelo de sustentabilidade e base do Corredor da Biodiversidade.

Santos Dumont prometeu divulgar as Cataratas — e cumpriu. Encontrou-se, inclusive, com Cândido Rondon, sugerindo que o Estado federal assumisse a proteção de toda a área de mata. Acreditava que as riquezas naturais pertenciam ao povo, não a particulares. Foi, portanto, um dos primeiros a advogar pela preservação ambiental como política pública.

Homenageá-lo em desfiles, eventos carnavalescos e comemorações aniversário da cidade pode soar irônico, dada sua aversão a festas barulhentas. Mas reconhecer sua contribuição para o patrimônio natural brasileiro é essencial. Com sua visita, “Santos-Dumont” não apenas viu as Cataratas — ele fez com que o Brasil as enxergasse.





Foz do Iguaçu

111
anos

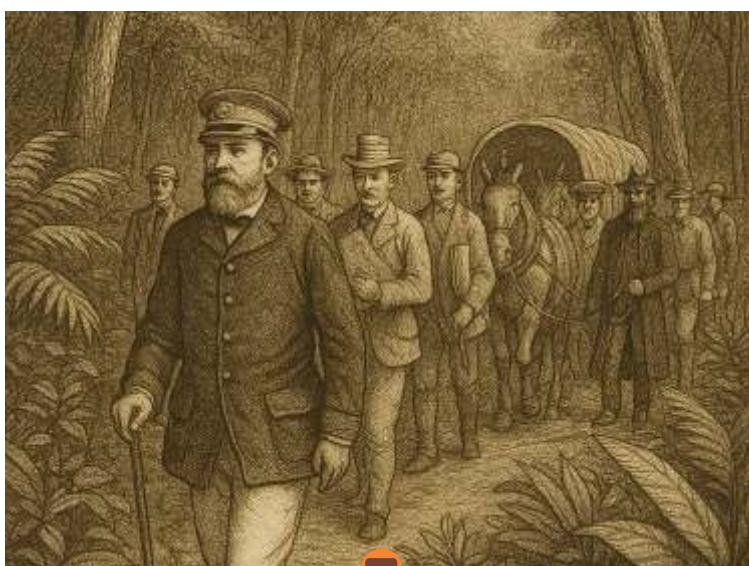
Parabéns!

Foz é símbolo de força, diversidade e natureza. Da imponência das Cataratas à grandiosidade da Itaipu, somos uma cidade que transforma energia em vida e beleza em destino. Um coração pulsante na Tríplice Fronteira, exemplo de harmonia e acolhimento. *Parabéns, Foz do Iguaçu! Terra de gente que inspira, trabalha e constrói o futuro.*



Os militares e o nascimento de Foz

Foi uma expedição do Exército, em 1889, que desbravou o território e fundou a Colônia Militar do Iguaçu — base sobre a qual surgiria a futura cidade.



Muito antes de Foz do Iguaçu ser conhecida como cidade turística ou estratégica, ela foi um posto militar fundado pelo Exército Brasileiro. Em julho de 1889, o Tenente José Joaquim Firmino chefiou uma expedição militar partindo de Curitiba com a missão de ocupar e estabelecer presença no extremo oeste do Paraná — território, de difícil acesso, coberto por mata densa, habitado por poucos moradores, povos indígenas e cobiçado por interesses privados e estrangeiros.

A viagem começou ainda sob o regime imperial. No trajeto até o atual território iguaçuense, o Brasil se tornou República, em novembro de 1889. Ao chegar, Firmino se deparou com o isolamento absoluto. Sem comunicações regulares, permaneceu por meses aguardando ordens, agora sob um novo governo, sem clareza institucional sobre os rumos daquela missão de fronteira.

Foi ali, às margens do rio Paraná, que se fundou a Colônia Militar do Iguaçu, considerada o embrião de Foz do Iguaçu. Essa unidade não tinha apenas função defensiva: também visava à ocupação territorial e à implantação de um núcleo de civilização, como se dizia à época. Com o tempo, soldados trouxeram suas famílias, plantaram roças, ergueram casas, abriram picadas e começaram a organizar a vida em torno do quartel. Surgia assim um povoado.

A escolha da região não foi aleatória. Desde o final do século XIX, o governo brasileiro temia a expansão territorial de países vizinhos e o avanço de interesses europeus por meio da exploração de madeira e erva-mate. A instalação de uma colônia militar no Iguaçu era uma forma de reafirmar soberania sobre uma região pouco habitada, mas geograficamente estratégica — entre dois rios navegáveis e na fronteira com Argentina e Paraguai.

A Colônia Militar do Iguaçu funcionou formalmente até 1910, quando foi desativada e seus terrenos loteados para a formação de uma vila civil. Mas a presença das Forças Armadas nunca deixou de marcar a paisagem local. Nas décadas seguintes, destacamentos do Exército e da Marinha continuaram atuando no patrulhamento fluvial, combate ao contrabando, assistência em emergências sanitárias e apoio logístico a expedições oficiais e científicas.

Com o tempo, a presença militar se diversificou. Durante o regime militar (1964–1985), Foz foi declarada área de segurança nacional e recebeu reforço de efetivos e infraestrutura, especialmente com a construção da usina de Itaipu. A vigilância da fronteira foi ampliada, e a cidade ampliou as unidades, como o 34º Batalhão de Infantaria Mecanizado.

Hoje, Foz do Iguaçu segue sendo uma cidade com vocação estratégica. Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Federal e Receita Federal operam de forma integrada para controlar o fluxo de pessoas, mercadorias e informações nas três fronteiras. A militarização do início — que outrora serviu para fundar e proteger —, hoje assume funções modernas, de inteligência, segurança e cooperação internacional.

Mas tudo começou em 1889, quando um tenente do Exército, ao chegar à beira do rio Iguaçu, descobriu-se numa nova República — e construiu, com disciplina e improviso, os alicerces de uma cidade inteira.



A Coluna Prestes passou aqui?

Entre versões divergentes, lacunas documentais e relatos orais, permanece a dúvida: Foz do Iguaçu foi ou não caminho da Coluna Prestes na década de 1920?



Um debate acalorado tomou conta da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu recentemente: vereadores discutiram a possibilidade de comemorar o centenário da passagem da Coluna Prestes pela cidade. A proposta envolvia homenagens públicas e, possivelmente, a construção de um monumento. O problema é que não há comprovação histórica documental de que a Coluna tenha, de fato, passado por aqui.

Liderada por Luís Carlos Prestes, a Coluna percorreu, entre 1925 e 1927, mais de 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil. Foi um movimento de grande impacto, que desafiou a estrutura oligárquica da Primeira República e se tornou símbolo da luta contra a injustiça social e a repressão política. Sua relevância histórica é inegável — mas isso não significa que a cidade possa, sem base documental, reivindicar ter feito parte de sua trajetória.

No caso de Foz do Iguaçu, a presença da Coluna permanece no campo da dúvida. Não existem registros oficiais, documentos militares, atas municipais ou cobertura jornalística eficiente que confirmem a passagem de Prestes ou de seus seguidores pela vila na época. Há, sim, relatos orais, memórias familiares e versões populares que sugerem movimentações de tropas irregulares na região, em cidades próximas — mas que não encontram respaldo em fontes históricas verificáveis.

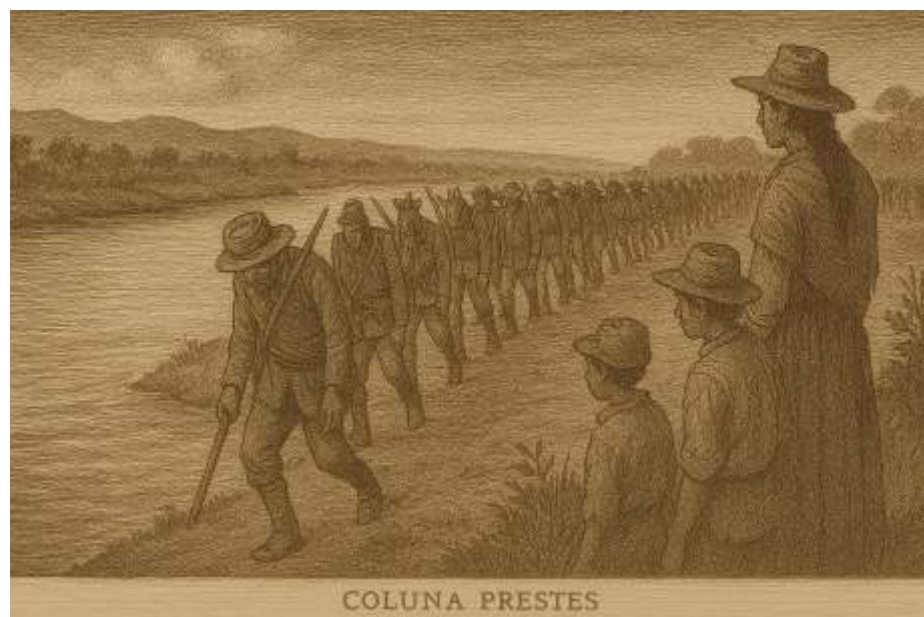
Alguns estudiosos consideram plausível que membros da Coluna tenham usado rotas de fuga ou reorganização nas proximidades da Tríplice Fronteira, especialmente no norte da Argentina e no Paraguai. Outros, no entanto, são categóricos em afirmar que a rota principal da Coluna se manteve distante do extremo oeste paranaense, priorizando deslocamentos táticos por regiões menos visadas e com maior apoio logístico.

Vale lembrar que a Foz do Iguaçu dos anos 1920, embora oficializada como Município, ainda era uma vila isolada, com estrutura administrativa frágil, nenhuma imprensa atuante e pouca capacidade de registrar eventos dessa magnitude. Nesse cenário, a ausência de prova não é, por si só, prova de ausência — mas também não autoriza afirmações categóricas.

O que sobra é uma narrativa envolta em sombras. Fragmentos de memória, versões contadas de geração em geração, e um apelo simbólico a um passado que, embora para muitos glorioso, pode não ter cruzado este território. Ainda assim, a dúvida é legítima e merece ser tratada com seriedade. Não como ponto de partida para monumentos e homenagens públicas, mas como objeto de investigação acadêmica rigorosa.

Se a Coluna Prestes passou ou não por Foz do Iguaçu, ainda não se sabe com certeza. Mas o que já se pode afirmar é que transformar dúvida em fato, sem base documental, é um risco para a história e para o bom uso do dinheiro público. Investimentos em memória coletiva exigem critérios, e não empolgação ideológica. Obras de ficção não são suficientes para justificar empreitadas públicas. Ao contrário: podem distorcer a história e falsear os fatos.

Foz do Iguaçu possui capítulos reais e extraordinários a serem resgatados — sem a necessidade de adotar para si um episódio que talvez nunca tenha acontecido. Quando há dúvidas, o melhor monumento é a pesquisa.



COLUNA PRESTES





Os ciclos da exploração: erva-mate, madeira e a devastação

A economia local girou em torno da extração da natureza. Erva-mate e madeira sustentaram fortunas, aceleraram ocupações — e devastaram florestas.

A história econômica de Foz do Iguaçu começa com a extração. A região era conhecida por sua abundância vegetal — principalmente erva-mate e madeira de lei. Esses recursos naturais não apenas atraíram exploradores e companhias comerciais, mas também impulsionaram os primeiros núcleos urbanos, definiram rotas e provocaram transformações ambientais, muitas irreversíveis.

O primeiro grande ciclo econômico foi o da erva-mate, ainda no final do século XIX e início do século XX. A planta nativa da América do Sul era largamente consumida no Brasil, Paraguai e Argentina, e começou a ser exportada para a Europa como produto exótico. O território da Tríplice Fronteira tornou-se estratégico para sua coleta e comercialização. Companhias britânicas, paraguaias e argentinas operavam com intensidade na região de Misiones e nos arredores do rio Paraná, empregando mão de obra local — muitas vezes em condições precárias — e abrindo picadas que logo se tornariam vias permanentes de ocupação.

Na esteira desse primeiro ciclo, veio a exploração madeireira, mais agressiva e profundamente predatória. As florestas de araucárias, canelais, cedros e imbuías passaram a ser vistas como riqueza imediata. O transporte fluvial facilitava o escoamento dos troncos até centros consumidores. Madeireiras se instalaram sem qualquer preocupação com reflorestamento ou sustentabilidade. O que era mata atlântica primária, exuberante e contínua, tornou-se, em poucas décadas, uma paisagem fragmentada, com áreas desmatadas, solo exposto e perda de biodiversidade.

Esses ciclos não apenas definiram a base econômica inicial da cidade como também introduziram uma lógica de ocupação desordenada, centrada na posse da terra e no lucro rápido. Muita gente veio em busca de oportunidades, e assim surgiram os primeiros vilarejos, acampamentos e futuras zonas urbanas. A informalidade e a ausência de regulação estatal permitiram práticas abusivas, como grilagem, sobreposição de títulos e até conflitos armados pela posse de áreas ricas em madeira ou erva.

As consequências desse modelo ainda se fazem sentir. Grande parte da cobertura vegetal original foi dizimada, os aquíferos começaram a sofrer pressão e a cultura do extrativismo fácil deixou marcas na forma como o território passou a ser ocupado. O modelo desenvolvimentista, que mais tarde se intensificaria com Itaipu, tem suas raízes nesse período: crescer, expandir, explorar — quase sempre à custa da natureza.

Ainda assim, é preciso reconhecer que esses ciclos foram, ao seu modo, fundadores. Eles abriram caminhos, conectaram regiões e deram origem à ocupação permanente do extremo oeste paranaense. Mas também servem de alerta: o que hoje se tenta restaurar — matas, rios, clima e cultura — é, em parte, o que foi perdido sob as serrarias e ervateiras de outrora.

Conhecer essa etapa é essencial para compreender por que a preservação ambiental em Foz do Iguaçu não é apenas discurso: é compensação histórica.





 **PARQUE MAIS COMPLETO**
em **SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS**
PARA **TRANSIÇÃO ENERGÉTICA**
e **TECNOLOGIAS DO FUTURO**

Acesse e fique
por dentro de todas
as novidades



 **itaipu
parquetec**

    /itaipuparquetec
www.itaipuparquetec.org.br

A era das infraestruturas: ponte, estrada e aeroporto

Nos anos 1950 e 1960, Foz do Iguaçu deixou de ser vila remota e se conectou ao mundo por rodovias, pistas e pontes. A cidade passou a fazer parte do mapa estratégico do país.



Após décadas de ocupação marcada pelo extrativismo, isolamento e presença militar esparsa, Foz do Iguaçu iniciou, a partir dos anos 1950, um novo ciclo em sua história: o da integração territorial e infraestrutura moderna. Foi nesse período que a cidade começou a se conectar de fato ao Paraná, ao Brasil e ao continente. Três obras fundamentais moldaram esse processo: a Ponte da Amizade, a BR-277 e o novo aeroporto.

A primeira grande virada ocorreu com o projeto e posterior construção da Ponte Internacional da Amizade, ligando Foz do Iguaçu a Ciudad del Este, no Paraguai. Inaugurada em 27 de março de 1965, a ponte foi mais do que uma ligação física entre dois países: representou uma abertura definitiva da cidade ao fluxo internacional de mercadorias, pessoas e culturas. A obra marcou o início de uma era de crescimento urbano acelerado, baseada no comércio transfronteiriço, no turismo emergente e na chegada de novos moradores atraídos pelas oportunidades que se avizinhavam.

Quatro anos depois, em 1969, outro marco viário consolidaria essa integração: a abertura da rodovia BR-277, finalmente ligando Foz do Iguaçu a Curitiba por via asfaltada. Até então, a ligação com o restante do Paraná era difícil, feita por caminhos de terra ou por navegação fluvial. A estrada tornou possível o escoamento de produtos, a circulação de bens de consumo e o acesso da população aos serviços da capital. Também favoreceu a interiorização do desenvolvimento e a chegada de migrantes do sul e sudeste do país, o que impactaria diretamente o crescimento demográfico da cidade.

A terceira grande obra do período foi a transferência e ampliação do aeroporto de Foz do Iguaçu, também no final dos anos 1960. Antes localizado em área central, o terminal foi deslocado para o atual endereço, possibilitando a operação de aviões de médio porte e, mais tarde, voos comerciais regulares. A infraestrutura aérea deu à cidade um novo patamar logístico, reforçando seu papel como portal de entrada do turismo internacional e como ponto de apoio estratégico para o governo federal, especialmente durante a construção de Itaipu.

Essas três obras formaram um tripé que sustentou a transformação urbana e econômica de Foz. Com estrada, ponte e aeroporto, a cidade passou a atrair investimentos, novas empresas, logística de transporte, hotéis e centros comerciais. O ciclo da infraestrutura abriu caminho para o crescimento urbano e para o surgimento de bairros populosos que mudaram o perfil da cidade.

Hoje, quase seis décadas depois, essas estruturas ainda operam como eixos fundamentais da dinâmica local — e continuam a ser ampliadas, duplicadas e requalificadas. Mas é importante lembrar que, à época, a chegada do asfalto e do concreto armado representou uma ruptura definitiva com o passado extrativista e isolado. Foz do Iguaçu, enfim, entrava em outro tempo: o tempo da velocidade, da integração e da expansão.



A construção de Itaipu: a barragem que mudou tudo

Erguida entre os anos 1970 e 1980, a maior obra binacional da história da América Latina transformou Foz do Iguaçu para sempre — em população, paisagem e destino.



Nada moldou tanto a Foz do Iguaçu contemporânea quanto a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Planejada a partir de acordos diplomáticos entre Brasil e Paraguai nas décadas de 1960 e 1970 e iniciada oficialmente em 1974, a obra foi mais do que um empreendimento de engenharia: foi uma ruptura radical na história da cidade, alterando sua geografia humana, seu ritmo de crescimento, seu papel geopolítico e seu vínculo com o território.

Antes de Itaipu, Foz era uma cidade promissora, mas ainda de porte médio para os padrões da época, com pouco mais de 30 mil habitantes, marcada pela recente construção da Ponte da Amizade e pela expansão do turismo. Em menos de uma década, tudo mudou: a cidade foi tomada por engenheiros, operários, técnicos, estrangeiros e empresas contratadas. Surgiram bairros novos, a malha urbana se expandiu e Foz tornou-se um canal de escoamento de tecnologia, mão de obra e capital internacional.

Com a obra, vieram também os impactos diretos e colaterais. Mais de 9 mil famílias foram deslocadas da área a ser inundada pelo reservatório — muitas delas reassentadas em condições precárias. Pequenos povoados desapareceram sob a água. O curso do rio Paraná foi alterado, e em 1982 as comportas se fecharam, formando um lago de 1.350 km², alterando permanentemente a paisagem regional. Ainda assim, Itaipu tornou-se um caso único na engenharia mundial: foi a usina que menos área inundou e mais energia gerou, graças à profundidade natural da calha do rio Paraná, o que permitiu uma produção eficiente com menor alagamento em comparação a outras hidrelétricas de grande porte.

Desde antes de sua construção, Itaipu passou a defender o projeto em fóruns internacionais, como a Conferência do Meio Ambiente de Estocolmo (1972), e adotou um modelo de mitigação ambiental inédito à época. O lado brasileiro da área alagada já estava mais de 80% desmatado, ocupado por atividades de agricultura e pecuária. Ainda assim, a binacional implantou um rigoroso sistema de proteção ambiental, com áreas de reserva, corredores ecológicos e projetos de recuperação florestal. Entre as ações pioneiras, destaca-se a Operação Mymba Kuera — termo guarani que significa "pegar bicho" —, uma mobilização de resgate de milhares de animais silvestres antes do enchimento do reservatório. Muitos deles foram abrigados em centros de conservação e deram origem aos Refúgios Biológicos, que ainda hoje servem à reprodução de espécies, à pesquisa científica e à educação ambiental.

Ao longo das décadas seguintes, mesmo após concluída, Itaipu destinou parte significativa de seus recursos a programas de sustentabilidade, proteção da fauna e da flora, e desenvolvimento humano nas comunidades do entorno. Apesar do impacto, a usina cumpriu as promessas técnicas e institucionais — e inovou além delas, transformando-se em referência mundial de geração de energia limpa e gestão socioambiental responsável.

Itaipu não mudou apenas a geografia, mas também a estrutura econômica e social da cidade. Houve um boom no setor da construção civil, no comércio, na hotelaria, nos serviços e nos transportes. Milhares de trabalhadores migraram para a região, muitos com suas famílias. A diversidade populacional se acentuou, consolidando o traço multicultural que ainda hoje define a cidade.

Ao mesmo tempo, vieram os desafios. O crescimento populacional repentino pressionou os serviços públicos, o saneamento e a mobilidade urbana. A especulação imobiliária se intensificou. A desigualdade social se ampliou em determinadas áreas periféricas. E os conflitos fundiários e ambientais deixaram cicatrizes — muitas das quais só começaram a ser tratadas décadas depois, com políticas de compensação e recuperação ambiental.

Itaipu também elevou o status estratégico de Foz do Iguaçu. Tornou-se uma cidade-sede de uma das mais importantes empresas binacionais do mundo, com sede própria, orçamento bilionário e papel decisivo nas relações entre Brasil e Paraguai. Com isso, cresceu o interesse político e econômico sobre a cidade, o que ampliou sua visibilidade, mas também a tornou mais complexa e disputada.

Hoje, mais de meio século depois do início da construção, Foz do Iguaçu continua vivendo sob o efeito de Itaipu. A cidade foi literalmente alavancada pela infraestrutura e diplomacia. Itaipu continua sendo o eixo central do discurso desenvolvimentista local — mas também uma página que exige constante releitura, especialmente à luz dos direitos sociais, da justiça territorial e da sustentabilidade.

A barragem represou o rio — mas ainda não conteve as transformações profundas que desencadeou, mas trabalha bastante nesse objetivo. Foz nunca mais foi a mesma. E nunca mais será.



O salto urbano dos anos 1980 e 1990

Acom Itaipu já em operação, Foz do Iguaçu se transformou em metrópole regional. Novos bairros, loteamentos e demandas sociais redesenharam a cidade em ritmo frenético.

A década de 1980 marcou uma nova etapa na história de Foz do Iguaçu. Com a usina de Itaipu já em operação, a cidade passou a experimentar uma urbanização acelerada e desafiadora. Em poucas décadas, a população saltou de cerca de 30 mil para mais de 150 mil habitantes, impulsionada por fluxos migratórios intensos vindos de várias partes do Brasil. O perfil de Foz mudou: transformou-se em mosaico urbano, multicultural e, em muitos aspectos, desigual.

O crescimento desordenado era, ao mesmo tempo, reflexo e consequência do desenvolvimento econômico. A busca por trabalho, moradia e oportunidades fez surgir bairros inteiros em tempo recorde — Morumbi, Três Lagoas, Porto Meira e tantos outros nasceram, na maioria das vezes, antes das redes de água, esgoto, iluminação ou transporte público. A lógica da expansão precedeu o planejamento, e a cidade cresceu para fora, aos empurrões, com loteamentos privados ocupando espaços cada vez mais distantes do centro original.

A especulação imobiliária floresceu. Grandes glebas de terra rural foram rapidamente parceladas e vendidas como áreas urbanas, muitas sem infraestrutura básica. A regularização fundiária tornou-se um dos principais desafios da administração pública. Ao mesmo tempo, as zonas centrais da cidade ganharam verticalização, com os primeiros edifícios comerciais e residenciais, consolidando um centro urbano moderno, mas cada vez mais pressionado por desigualdades nas bordas.

A infraestrutura viária da cidade, ainda baseada no modelo anterior à explosão populacional, tornou-se insuficiente. Ruas estreitas, avenidas mal conectadas e a ausência de uma política efetiva de mobilidade urbana começaram a impactar a qualidade de vida. A frota de veículos crescia mais rápido que as obras viárias. E, como em muitas cidades brasileiras, os investimentos públicos nem sempre acompanharam o ritmo da ocupação.

No entanto, os anos 1980 e 1990 também consolidaram marcos institucionais e sociais importantes. A cidade passou a receber universidades, institutos técnicos e serviços públicos mais robustos. Foi neste período que surgiram as primeiras discussões sobre zoneamento, planejamento urbano e políticas habitacionais de médio prazo. O turismo continuava em expansão, a indústria ganhava fôlego e o comércio de fronteira explodia com o ciclo do “comprismo”, que viria a marcar a próxima década.

A urbanização de Foz do Iguaçu não foi uma consequência natural do progresso: foi, antes de tudo, uma resposta à pressão de um crescimento econômico extraordinário e inesperado. O que se viu foi uma cidade que precisou se reinventar em tempo real, improvisando respostas, tentando equilibrar crescimento com inclusão, modernização com cuidado ambiental.

Muito do que hoje se conhece como “estrutura urbana de Foz” nasceu nesses anos. Nem tudo foi planejado — mas quase tudo foi vivido intensamente. Foi quando a cidade deixou de ser projeto e passou a ser realidade metropolitana.





O ciclo do comprismo e o comércio de fronteira

Entre sacoleiros e free shops, a economia da informalidade moldou costumes, fortaleceu laços e ergueu uma identidade própria na Tríplice Fronteira.

Poucos fenômenos econômicos tiveram tanto impacto no cotidiano de Foz do Iguaçu quanto o chamado “ciclo do comprismo” — termo informal que define a movimentação frenética de pessoas que cruzam as fronteiras diariamente para adquirir produtos mais baratos no Paraguai e na Argentina. O que começou como atividade pontual nas décadas de 1960 e 1970, ganhou corpo nos anos 1980 e 1990, transformando Ciudad del Este em um dos maiores centros comerciais populares do mundo.

O comércio fronteiriço passou a sustentar uma cadeia econômica complexa: transporte, hotelaria, alimentação, serviços de despachantes, motoristas, ambulantes, pequenas lojas e até negócios voltados ao “comerciante de oportunidade”. A Ponte da Amizade virou símbolo dessa engrenagem, com filas quilométricas, sacolas recheadas, cambistas, fiscais e, não raro, muitas histórias de contrabando e apreensões. Mas, além da polêmica, o ciclo do comprismo também alimentou famílias, ergueu bairros inteiros e financiou o sustento de gerações.

Durante muito tempo, falar em comprismo era tabu, como se reconhecer o fenômeno significasse endossar a ilegalidade. No entanto, a realidade era (e ainda é) mais complexa. A economia informal da fronteira virou um modo de vida, uma reação concreta à desigualdade de preços e às diferenças tributárias entre os países. A prática criou uma cultura própria, com vocabulário específico, regras implícitas e redes de sociabilidade que resistem ao tempo.

Com o avanço das legislações, a presença mais ostensiva da Receita Federal, a digitalização do comércio e as mudanças geopolíticas, o perfil do

comprismo mudou. Os sacoleiros deram lugar aos turistas de oportunidade, os carrinhos de feira foram substituídos por malas com rodinhas e, mais recentemente, pelos free shops instalados do lado brasileiro, que tentam manter parte da circulação de bens e divisas sem perder o controle fiscal. Mesmo assim, Ciudad del Este e Puerto Iguazú continuam a exercer um magnetismo comercial difícil de ignorar.

Hoje, o desafio é encontrar o equilíbrio entre incentivo à economia regional e combate à ilegalidade. Foz do Iguaçu precisa conviver com a complexidade de ser uma cidade-fronteira, onde as leis mudam ao atravessar uma ponte, e onde a identidade econômica está profundamente ligada à circulação de pessoas e mercadorias. O futuro talvez passe por integrações fiscais, zonas francas mais eficientes, turismo de compras qualificado e digitalização dos processos aduaneiros — mas o espírito do comprismo dificilmente desaparecerá por completo.

O ciclo do comprismo não pode ser entendido apenas como um capítulo da economia informal. Ele é também um fenômeno social, cultural e urbano. Fez nascer terminais rodoviários, moldou o transporte coletivo, definiu horários de funcionamento do comércio local e até inspirou novelas, filmes e canções. Fez de Foz do Iguaçu uma cidade onde o dólar, o real, o guarani e o peso, convivem na mesma carteira — e onde o que é “de fora” sempre teve seu lugar de dentro.



Fotos Joel Petrovsk e Juca Pozo





Parabéns, Foz do Iguaçu, pelos seus 111 anos de força e beleza.

Foz nasceu do encontro de rios, fronteiras e sonhos. Temos o orgulho de viver essa energia de perto e de receber, todos os anos, milhares de pessoas que vêm se encantar com as belezas da cidade e de sua gente.

Ao celebrar os 111 anos dessa cidade única, reconhecemos o legado que nos trouxe até aqui e renovamos o compromisso de seguir fazendo parte do seu futuro.



Entre avenidas, buracos e sonhos: a transformação urbana de Foz

De vila militar à metrópole turística, Foz do Iguaçu enfrenta o desafio de crescer sem perder o rumo, buscando um modelo de cidade mais justa, fluida e integrada.



Foto de arquivo da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu cresceu rápido — talvez rápido demais. De povoado militar isolado, à sombra da Colônia do Iguaçu, tornou-se uma das cidades mais conhecidas do Brasil e da América Latina. Com Itaipu Binacional, o salto foi abrupto: nos anos 1980, a população triplicou, e bairros inteiros surgiram praticamente do dia para a noite. Com o boom demográfico, vieram também os problemas estruturais: ocupações desordenadas, precariedade no saneamento, redes elétricas improvisadas, falta de planejamento viário e um transporte público que, por vezes, parecia sempre atrasado.

A cidade ganhou avenidas largas, ruas em linha reta, asfaltamento em quase toda a zona urbana — mas, ao mesmo tempo, conviveu com calçadas irregulares, bairros sem arborização, ciclovias interrompidas e cruzamentos perigosos. Nos últimos anos, a duplicação da Avenida das Cataratas, o anel viário da Perimetral Leste, as novas rotatórias, os viadutos da BR-277 e a ponte da integração com o Paraguai redesenharam a malha da cidade. São obras de grande impacto que visam escoar o trânsito, ampliar a conexão internacional e tornar Foz mais fluida. Mas há um detalhe: nenhuma cidade se transforma apenas com concreto e tinta asfáltica — e, sobretudo, nenhuma cidade resiste eternamente a obras intermináveis. Muitos desses projetos enfrentam atrasos crônicos, com desvios mal sinalizados, barro nas vias, engarrafamentos nos acessos turísticos, e moradores ilhados em meio a escombros e lama. Há relatos frequentes de turistas perdendo voos, moradores atrasados para o trabalho e prejuízos para a hotelaria. Tudo será muito bom — depois de pronto. Mas, por ora, o que se vê é uma cidade que sofre, esperando o futuro prometido sair finalmente do papel.

A mobilidade urbana permanece um dos maiores desafios. O transporte público ainda depende majoritariamente de ônibus. A tentativa de

implementar ciclovias enfrenta gargalos estruturais. A frota de veículos privados cresce acima da média nacional, gerando congestionamentos, aumento da poluição e um sentimento constante de “cidade improvisada”.

Em meio a isso, surgem também as boas ideias. O Plano Diretor, revisto com ampla participação social, passou a incluir noções de sustentabilidade, mobilidade ativa, acessibilidade e requalificação urbana. Projetos como o do Corredor Turístico da Avenida Brasil, o reordenamento do Centro, e a valorização do Rio Boicy como eixo ambiental indicam uma mudança de paradigma: planejar antes de construir, ouvir antes de executar. O que falta é executar as boas ideias e fazer a população acreditar que elas um dia serão realidade.

Mas o tempo urge. A população cresceu, as demandas se multiplicaram, e o território urbano se expandiu para além da infraestrutura disponível. As zonas Norte, Leste e Sul clamam por melhor conexão. Bairros como Três Lagoas, Porto Meira, Morumbi e Jardim São Paulo ainda enfrentam problemas históricos de acesso e drenagem. A cidade precisa, mais do que nunca, implementar uma gestão inteligente da mobilidade: intermodal, digital, sustentável e justa.

A Foz que sonha ser modelo internacional de turismo e inovação precisa resolver, com urgência, os dramas cotidianos da urbanização descompassada. O futuro exige pontes — não apenas entre margens ou países, mas entre planos e práticas, entre asfalto e dignidade, entre o presente real e a cidade possível.



Foz turística e devocional

Do postal ao altar, da selva à devoção: como Foz do Iguaçu se tornou símbolo de fé, natureza e conexão internacional.

QA vocação turística de Foz do Iguaçu não é apenas uma consequência da beleza das Cataratas. Ela é também fruto de um trabalho paciente, iniciado ainda nos primeiros anos do século XX, por personagens que entenderam o poder das imagens e da fé como ferramentas de projeção da cidade.

Um dos precursores foi o padre Monsenhor Guilherme, pároco da Igreja São João Batista, que via na beleza natural das Cataratas não apenas a manifestação da criação divina, mas também um potencial de atração econômica. Foi ele quem desenvolveu os primeiros cartões postais da cidade e, segundo registros históricos, brigou pela instituição de uma taxa de visitação cuja arrecadação ajudava na manutenção da paróquia. Monsenhor Guilherme compreendeu como poucos que a natureza e a religiosidade podem caminhar juntas — e que a fé tem o poder de movimentar fronteiras.

Décadas depois, com a inauguração do Parque Nacional do Iguaçu, Foz consolidou seu lugar no mapa do turismo internacional. As Cataratas tornaram-se um ícone mundial, atraindo viajantes de todos os continentes. Mas o turismo não parou por ali. Na virada para os anos 2000, outra força simbólica colocou a cidade em evidência: a religiosidade popular, materializada na cristandade, na construção do Templo Budista e da Mesquita Omar Ibn Al-Khatab — expressões da fé viva de comunidades plurais que ajudaram a moldar a identidade multicultural da cidade.

A fé, em suas múltiplas expressões, passou a ser também produto turístico e ponte cultural. A mesquita, erguida com recursos da comunidade islâmica local, é hoje um dos pontos mais visitados de Foz. O mesmo vale para o templo budista, com seus jardins serenos, estátuas e vista panorâmica para a fronteira trinacional. Em 2025, a cidade voltou ao centro dos holofotes ao sediar, nas dependências da própria mesquita, um grande encontro internacional de turismo religioso, reunindo representantes de diversas tradições espirituais para debater a fé como elemento de integração entre povos e culturas.

Foz do Iguaçu se consolidou, assim, como um raro território onde espiritualidade e turismo dialogam sem ruídos, criando uma narrativa de paz, diversidade e respeito mútuo. Não é coincidência que o município venha sendo escolhido, cada vez mais, para eventos inter-religiosos, encontros ecumênicos e fóruns globais sobre cultura, turismo e espiritualidade. O turismo devocional, antes periférico, hoje é uma das peças centrais na estratégia de promoção da cidade.

Ao lado da fé, há o poder da imagem — literalmente. Foz do Iguaçu se tornou presença constante em documentários, capas de revistas, comerciais,

novelas, livros e séries. O potencial cinematográfico das Cataratas e da Itaipu Binacional projetou o município em escala global. Não se trata apenas de cartão-postal: trata-se de imaginação coletiva e identidade visual.

Hoje, o turismo representa uma das maiores fontes de renda da cidade, empregando diretamente milhares de pessoas e influenciando o comércio, a gastronomia, a hotelaria e o transporte. É um setor dinâmico, mas também sensível a crises — e por isso, cada avanço deve vir acompanhado de planejamento, inclusão e sustentabilidade.

Hoje, o turismo representa uma das maiores fontes de renda da cidade, empregando diretamente milhares de pessoas e influenciando o comércio, a gastronomia, a hotelaria e o transporte. É um setor dinâmico, mas também sensível a crises — e por isso, cada avanço precisa vir acompanhado de planejamento, inclusão e sustentabilidade. Nos anos 1980, o Parque Nacional do Iguaçu registrava cerca de 350 mil visitantes por ano. Esse número foi crescendo progressivamente com a profissionalização do setor e a melhoria da infraestrutura turística. Nas últimas décadas, mesmo com os impactos causados por pandemias e instabilidades econômicas, Foz atingiu picos superiores a 2 milhões de visitantes anuais e possui potencial estrutural para receber até 3 milhões de turistas por ano — consolidando-se como um dos destinos mais visitados do Brasil e da América do Sul.



Monsenhor **Guilherme Maria Thiletzek** foi um dos precursores do turismo em Foz do Iguaçu, elaborando mapas e folhetos promocionais já nas décadas de 1920 e 30 para fomentar a arrecadação da “taxa de turismo”. Parte dos recursos financiava obras lideradas por ele, como a Santa Casa, que mais tarde levaria seu nome. Difícil seria ele imaginar a cidade, um século depois, nos roteiros oficiais do turismo religioso.



Orgulho de uma cidade que voa cada vez mais alto.

Celebrar Foz do Iguaçu é reconhecer a força de um lugar onde a natureza não é apenas cenário, é essência. Cada canto abriga histórias, biodiversidade e encontros que só existem porque a floresta resiste. E nós temos orgulho de fazer parte dessa história, protegendo e revelando a beleza da Mata Atlântica todos os dias.

Uma homenagem do Parque das Aves para nossa cidade.



parquedadasaves.com.br

PARQUE
DAS AVES

Em comemoração ao aniversário de Foz do Iguaçu, entrada gratuita* para moradores de 07 a 15/06/2025.

*Válido de 7 a 15/06/2025 para moradores de Foz do Iguaçu mediante apresentação de comprovante de residência em próprio nome e documento oficial com foto, ambos atualizados.



Ciclovía das Cataratas é entregue no Parque Nacional do Iguaçu

Nova atração marca a fase de investimentos da nova concessão; moradores têm gratuidade no aluguel de bikes em celebração ao aniversário de Foz

Agora é possível visitar o Parque Nacional do Iguaçu, que abriga as mundialmente famosas Cataratas do Iguaçu, sobre duas rodas. No dia 30 de maio, a unidade ganhou novas atrações voltadas a imersão na natureza, com Ciclovía das Cataratas e o serviço de locação de bicicletas Bike Iguaçu. As novidades fazem parte do investimento de R\$ 600 milhões previstos até 2027 pela concessionária Urbia Cataratas, em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

A ciclovía, com 11,6 quilômetros de extensão, é o primeiro projeto entregue pela nova administração e oferece uma forma diferente de conhecer o parque, pedalando em meio à Mata Atlântica. O trajeto liga o Centro de Visitantes ao início da Trilha das Cataratas, proporcionando uma experiência imersiva na natureza, com segurança e estrutura adequada.

Aniversário de Foz - Para celebrar o aniversário de Foz do Iguaçu, comemorado no dia 10 de junho, a Urbia Cataratas ofereceu aos moradores da cidade gratuidade na locação de bicicletas, estimulando a população a redescobrir o parque.

"Apresentamos um novo jeito de sentir a natureza e se conectar com este parque, que é motivo de orgulho para todos nós. E esta é a primeira de muitas entregas para proporcionarmos experiências cada vez melhores, mais acessíveis e transformadoras aos nossos visitantes", afirma Mario Macedo Junior, CEO da Urbia Cataratas.

Já Apolonio Rodrigues, técnico ambiental do ICMBio e gestor das trilhas, reforça que as obras foram pensadas com o menor impacto possível ao ambiente. "Trabalhamos para implantar as estruturas com menor impacto possível, por ser uma atividade dentro de uma unidade de conservação. As equipes evoluíram e estão empenhadas para posicionar o Patrimônio Mundial Natural entre os cinco melhores parques para se visitar no mundo", destacou.

Bike Iguaçu — O serviço de aluguel Bike Iguaçu já está em funcionamento desde 2 de junho, com reservas disponíveis pelo site oficial (tickets.cataratasdoiguacu.com.br). As bicicletas podem ser alugadas por duas, três ou quatro horas, com opção de tempo extra, respeitando o horário de funcionamento do parque. Os visitantes podem pegar e devolver os equipamentos

em três pontos: Centro de Visitantes, Caminho das Bananeiras (próximo ao Macuco Safari) e Trilha das Cataratas (próximo ao hotel).

Pedale pelo parque — Quem preferir, pode levar a própria bicicleta e aproveitar o trajeto da ciclovía sem custo adicional, além do ingresso ao parque. Outras trilhas também estão liberadas para ciclistas: o Caminho do Poço Preto, com 18,5 km, é ideal para quem busca uma experiência mais longa em meio à floresta. Já o Caminho das Bananeiras (3 km) oferece um percurso leve e agradável. A Trilha da Canafístula, com 2,2 km, revela um lado pouco conhecido e encantador do parque.

Sobre o Parque Nacional do Iguaçu — O Parque Nacional do Iguaçu, administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), é uma unidade de conservação federal e conta com a gestão de visitação turística da concessionária Urbia Cataratas S.A. É um Patrimônio Mundial Natural da UNESCO e referência internacional em turismo sustentável.



Foto Urbia Cataratas/Parque Nacional do Iguaçu

Mais informações:
www.cataratasdoiguacu.com.br
contato@catarataspni.com.br





Turismo em Itaipu: um convite ao futuro com raízes sustentáveis

A visita à maior usina em geração limpa do mundo é também uma imersão em inovação, meio ambiente e desenvolvimento territorial.



Foto divulgação Parquetec - Itaipu Binacional

Em um mundo onde o turismo se reinventa para dialogar com a sustentabilidade e a tecnologia, Itaipu Binacional reafirma sua vocação transformadora. Mais que um destino turístico tradicional, a usina é um ponto de encontro entre conhecimento, encantamento e responsabilidade socioambiental. Em 2024, o Complexo Turístico Itaipu ultrapassou os 480 mil visitantes, consolidando-se entre os atrativos mais procurados da região, ao lado das Cataratas do Iguaçu, do Parque das Aves e do Marco das Três Fronteiras.

Essa performance não é mero acaso: o modelo de visitação alia qualidade técnica, diversidade de roteiros, acessibilidade e uma equipe altamente capacitada, composta por guias trilingües e especialistas em engenharia, meio ambiente e operação binacional. Entre os principais circuitos estão o Especial — que leva o visitante ao interior da barragem — e o Panorâmico, ideal para quem deseja contemplar a grandiosidade da obra. Há ainda o Refúgio Biológico Bela Vista, que combina educação ambiental com conservação da fauna e flora nativas.

Mas Itaipu não se contenta com a excelência do presente. O futuro do turismo também está sendo construído no Itaipu Parquetec. Durante o Festival Internacional de Turismo das Cataratas, o estande do Parquetec se destacou por oferecer uma experiência interativa sobre turismo inteligente. A iniciativa integrou palestras, rodas de conversa e painéis estratégicos voltados para a inovação no

setor. Um dos pontos altos foi o lançamento do programa Futurismo, que oferece até R\$ 100 mil em apoio a startups que desenvolvam soluções aplicáveis à jornada do turista — com foco em acessibilidade, sustentabilidade, experiência e dados.

Outro diferencial foi a participação inédita do Mercado Público Barrageiro, equipamento turístico e cultural vinculado ao Parquetec, que apresentou o melhor da gastronomia e do artesanato da fronteira. A presença do mercado reforça o elo entre inovação, identidade local e geração de valor territorial.

Mais do que visitas, Itaipu entrega experiências que educam, sensibilizam e mobilizam. A cada roteiro, promove-se uma reflexão sobre os desafios contemporâneos do uso da água, da cooperação internacional e do desenvolvimento equilibrado. Visitantes do Paraguai, Argentina, Chile, Alemanha, França e muitos outros países testemunham um modelo de turismo que inspira e engaja.

Itaipu é, portanto, uma aula a céu aberto. Seu turismo ensina que é possível conciliar geração de energia, proteção ambiental, inovação tecnológica e desenvolvimento humano.





111
Anos



10 de Junho de 2025,
dia de celebrar a cidade
que recebe o mundo
de braços abertos.

CONCESSIONÁRIA
A SERVIÇO DO PARQUE
NACIONAL DO IGUAÇU

urbia +
CATARATAS
IGUAÇU



Reverdecer a história: a luta pela recomposição da Mata Atlântica

Entre perdas e conquistas, a cidade que cresceu às margens dos rios Paraná e Iguaçu agora busca reequilibrar sua relação com a natureza.



Foto de Edino Kug - Itaipu Binacional

QuanFoz está em meio a uma das formações florestais mais ricas e ameaçadas do planeta: a Mata Atlântica. No entanto, os ciclos econômicos que impulsionaram a ocupação do território — da erva-mate à madeira, da agropecuária às grandes obras — deixaram como legado uma ameaça ambiental. Durante décadas, o verde virou lucro, e as florestas cederam lugar a pastagens, plantações e zonas urbanas.

A virada começou com o reconhecimento do valor ambiental da região. A criação do Parque Nacional do Iguaçu, em 1939, foi um marco na proteção das últimas reservas da mata nativa no extremo oeste paranaense. O parque tornou-se Patrimônio Natural da Humanidade e símbolo da conservação brasileira. Mas proteger o que resta não bastava: era preciso recompor.

Nas últimas décadas, uma série de ações coordenadas, lideradas por instituições públicas, ONGs, comunidades rurais e, sobretudo, pela Itaipu Binacional, colocaram Foz do Iguaçu no centro de um esforço inédito de recuperação florestal. A usina, que foi alvo de críticas por seu impacto ambiental inicial, passou a investir sistematicamente em sustentabilidade. Hoje, é referência internacional em programas de educação ambiental, agroecologia e reflorestamento.

A criação dos Refúgios Biológicos — como o Bela Vista — e a implantação do Corredor de Biodiversidade entre o Parque Nacional do Iguaçu e outras áreas protegidas ao longo do rio Paraná, além de Ilha Grande, mostram que é possível conciliar desenvolvimento energético com a preservação da vida. Milhões de mudas nativas foram plantadas ao longo das margens do reservatório, criando passagens seguras para animais silvestres e reconectando fragmentos florestais antes isolados. As florestas literalmente renasceram.

As ruas de Foz do Iguaçu são amplamente arborizadas, formando um dos traços mais marcantes da paisagem urbana da cidade. Em muitos bairros, a copa das árvores cria túneis naturais que encantam moradores e turistas,

tornando-se, inclusive, verdadeiros cartões-postais. Em determinadas épocas do ano, os ipês floridos colore o céu e o chão com tons vibrantes de amarelo, rosa e branco, conferindo à cidade um charme singular. No entanto, o tempo tem cobrado seu preço: muitas árvores, antigas e fragilizadas, estão tombando, colocando em risco a segurança de pedestres, veículos e residências. Esse fenômeno revela uma lacuna na política de manejo arbóreo — falta um plano estruturado de reposição, manutenção e renovação das espécies, capaz de preservar a identidade verde da cidade sem comprometer a segurança da população.

A beleza da arborização urbana, tão valorizada por quem visita e tão protegida por quem vive em Foz, não pode depender apenas da sorte ou da indignação que surge após a queda de uma árvore.

É preciso planejamento. Apesar das dificuldades, a cidade tem buscado ampliar sua consciência ambiental, por meio de ações como hortas comunitárias, trilhas ecológicas, programas de compostagem e projetos de educação ambiental nas escolas. Aos poucos, Foz do Iguaçu vai compreendendo que plantar e cuidar de uma árvore é também cultivar valores, vínculos e compromissos com o amanhã — um futuro em que natureza e cidade possam coexistir em equilíbrio.

Mesmo diante dos desafios urbanos, a biodiversidade voltou a dar sinais de força: onças-pintadas, antas, veados, lontras e aves ameaçadas de extinção têm sido avistadas com mais frequência. Os corredores ecológicos agora conectam parques, reservas e áreas de produção agroecológica, formando uma malha de vida que redefine o mapa ambiental da região trinacional.

Mais do que um discurso, a recomposição da Mata Atlântica em Foz do Iguaçu é um gesto de responsabilidade intergeracional. Reflorestar é resgatar o passado e garantir um futuro respirável. Afinal, nenhuma cidade pode ser verdadeiramente moderna se continuar devastando o que a fez nascer.





Sabores da fronteira, arte da cidade: o Mercado que conquistou Foz

Arte, gastronomia e vida cultural se transformam com o
o Mercado Público Barrageiro, o novo ícone de Foz do Iguaçu

Desde sua inauguração em novembro de 2024, o Mercado Público Barrageiro tem se consolidado como um dos espaços mais vibrantes e frequentados de Foz do Iguaçu. O local rapidamente se tornou parada obrigatória para turistas, moradores e entusiastas da cultura regional. O que antes era um antigo complexo de barracões fechados, hoje abriga uma proposta inovadora de convívio urbano, que combina gastronomia, arte, memória e economia criativa.

O projeto arquitetônico valoriza o reaproveitamento de estruturas, com ambientação moderna, climatizada e ampla, onde a funcionalidade encontra o acolhimento. A planta convida à permanência: mesas comunitárias, corredores amplos e um ambiente plural fazem do espaço um ponto de encontro para famílias, amigos e até reuniões de negócios. A cada dia, a programação cultural traz vida nova ao local, com música, exposições e intervenções artísticas.

Entre os destaques, os painéis do renomado muralista Eduardo Kobra emprestam às paredes do mercado uma força visual que homenageia a identidade iguaçuense e a arte urbana brasileira. Exposições temporárias de artistas locais ampliam o repertório visual e reafirmam o papel do mercado como centro cultural pulsante.

Mas é na gastronomia que o Mercado Barrageiro mais encanta. A diversidade de boxes reflete a alma trinacional da cidade: empórios árabe, mineiro

e gaúcho, doces artesanais, cafés, pratos típicos da fronteira, hortifrutigranjeiros da agricultura familiar, chopes artesanais, chocolates regionais, além de artesanato, souvenirs e produção local. Uma experiência sensorial completa que representa, em sabores e formas, a multiculturalidade de Foz do Iguaçu.

Outro aspecto essencial é a inclusão social. O Barrageiro abriga cooperativas, projetos sociais, entidades comunitárias e pequenos produtores, fortalecendo a economia solidária e dando visibilidade a quem movimenta a cultura e a economia das margens. Trata-se de uma política concreta de apoio à base criativa e produtiva da cidade.

A agenda cultural é intensa: o espaço recebe shows ao vivo, lançamentos de livros, performances, oficinas, rodas de conversa e eventos gastronômicos. Essa vitalidade transformou o Mercado em um polo cultural, uma referência de convívio democrático e palco da diversidade artística da fronteira.

A proposta é clara: tornar-se referência não só de consumo, mas de vivência e pertencimento. Um mercado público que é, na essência, o retrato do que Foz do Iguaçu tem de melhor: diversidade, acolhimento e identidade.





Conhecimento sem fronteiras: universidades e inovação como novo eixo de desenvolvimento

Um território do saber: Foz do Iguaçu fortalece sua identidade como cidade universitária e laboratório de soluções para o futuro.



Foz do Iguaçu tem se firmado como uma cidade universitária por excelência — diversa em saberes, conectada ao mundo e em constante ebulição acadêmica. Com instituições públicas e privadas de ensino superior, programas de intercâmbio e uma intensa vida científica, o município tornou-se um polo educacional transfronteiriço. Aqui, a formação profissional, a pesquisa e a inovação ocorrem não apenas dentro dos campi, mas em conexão direta com os desafios e oportunidades da região trinacional.

A Unila – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, com sua proposta pioneira de educação multicultural e latino-americanista, simboliza essa virada. Com estudantes de mais de 30 nacionalidades e cursos voltados para as questões continentais, a Unila ultrapassa os limites tradicionais da educação pública brasileira e reforça o papel geopolítico de Foz: não mais apenas como uma cidade de fronteira, mas como território de encontros e trocas intelectuais.

Ao lado dela, a Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná fortalece a formação nas áreas de engenharia, saúde, ciências sociais, biológicas e mestrados acadêmicos, ampliando a oferta de ensino superior público e de qualidade. O IFPR – Instituto Federal do Paraná completa esse quadro com cursos técnicos e projetos de inovação voltados para o desenvolvimento regional.

As universidades privadas, por sua vez, também têm papel estratégico. A UDC – União Dinâmica de Faculdades Cataratas é um exemplo notável. Seu projeto educacional nasceu modestamente, com uma pré-escola, criada por um casal visionário, apaixonados por Foz do Iguaçu. Com o passar dos anos, essa semente cresceu, transformando-se em uma das mais respeitadas instituições de ensino superior do país. Há alunos que iniciaram seus primeiros passos na educação básica em escolas que fazem parte da gestão UDC e hoje ostentam diplomas de graduação, mestrado e doutorado — um percurso completo

dentro da mesma instituição, reflexo da dedicação de seus reitores e da constante busca pela excelência. A UDC consolidou-se como centro de excelência universitária, com convênios firmados com instituições da Europa e dos Estados Unidos, atraindo pesquisadores, docentes convidados e projetos conjuntos em áreas como direito internacional, turismo, administração, engenharia e ciências exatas. Sua história é, em si, um testemunho da capacidade de Foz do Iguaçu de formar e reter talentos com raízes locais e horizontes globais.

O ambiente universitário se estende além das margens brasileiras. O lado paraguaio, abriga diversas instituições de ensino superior — com destaque para os cursos de medicina, cada vez mais procurados por estudantes brasileiros. A fluidez das fronteiras estimula um intercâmbio educacional contínuo, onde alunos e professores circulam entre países, realidades e oportunidades. A educação, aqui, é trilingue por natureza, marcada pela convivência de português, espanhol e guarani nos corredores acadêmicos.

Este ecossistema educacional favoreceu o surgimento de centros de pesquisa, incubadoras de startups e iniciativas tecnológicas como o Parque Tecnológico Itaipu (PTI), que conecta ciência, inovação e sustentabilidade. Em poucos anos, Foz transformou-se em um campo fértil para ideias e soluções — da energia limpa à mobilidade urbana, da segurança digital à agricultura de precisão.

A presença de tantos centros de conhecimento, públicos e privados, não apenas eleva o perfil da cidade, mas impulsiona uma juventude mais engajada, multicultural e conectada com os desafios globais. Foz do Iguaçu é território de formação, produção científica e inovação com identidade trinacional.





Foz do Iguaçu 111 anos: inovação que transforma o presente e projeta o futuro

Com projetos inovadores e impacto direto na vida da população, Itaipu Parquetec impulsiona o desenvolvimento sustentável e tecnológico de Foz do Iguaçu

Ao completar 111 anos, Foz do Iguaçu comemora mais que sua história: celebra também sua atuação como território de inovação, inclusão e sustentabilidade. Parte essencial dessa jornada é o trabalho do Itaipu Parquetec, que, vinculado à Itaipu Binacional, atua como agente estratégico no desenvolvimento de soluções aplicadas à realidade local e nacional. O parque avança com projetos que unem tecnologia, impacto social e geração de conhecimento em diversas frentes, incluindo: habitação, educação, empreendedorismo, turismo e sustentabilidade.

Um estudo realizado em parceria com o Iparde relatou o impacto econômico do Itaipu Parquetec em 2024: a cada R\$1 investido, R\$1,44 retornaram à economia nacional, gerando R\$284 milhões no PIB brasileiro. Foz do Iguaçu e região sentiram diretamente o impacto gerado pelo Parque. Em 2024 foram criados 3.776 empregos com média salarial de R\$2.864, resultando em R\$10,8 milhões em remuneração e R\$24 milhões em impostos. Esses resultados reafirmam o papel do Itaipu Parquetec como instrumento de transformação territorial por meio do conhecimento aplicado.

Um dos marcos recentes do Parque na cidade é o Projeto Moradias, em parceria com a Itaipu Binacional, que beneficiará 254 famílias da Vila Brás. Com apoio da Prefeitura e da Foz Habita, o projeto utiliza tecnologia Lightwood Frame, que garante obras rápidas, sustentáveis e acessíveis. O uso de realidade virtual, sensores e monitoramento remoto tornam o canteiro de obras um verdadeiro laboratório de inovação.

A educação é uma das grandes apostas do Itaipu Parquetec. Dois programas em parceria com a Itaipu Binacional vêm ganhando destaque: Educação para Saúde e Sustentabilidade e o Programa de Extensão em Sustentabilidade Territorial. No combate ao *Aedes aegypti*, mais de 530 escolas participaram de ações educativas com jogos, livros e oficinas. Professores foram capacitados com foco em educomunicação e inovação, com resultados expressivos: 370 conteúdos produzidos e 476 bolsas concedidas. Já o programa de extensão fomenta projetos universitários com impacto social e ambiental. Foram 210 iniciativas contempladas em quase 100 municípios incluindo Foz do Iguaçu, com participação de 16 instituições e mais de 970 bolsas concedidas.

Outro símbolo da nova fase de Foz é o Mercado Público Barrageiro, inaugurado em 2024 e administrado pelo Itaipu Parquetec. O espaço abriga gastronomia, produtos locais e cultura, com mais de 200 empregos gerados, sendo um espaço de convivência, arte e fortalecimento da economia local. Além disso, o Circuito Cultural já promoveu mais de 100 shows com artistas da região.

Com parcerias com Google, Boston Dynamics, Nestlé, Petrobras e universidades regionais, o Itaipu Parquetec vive uma nova fase. A cidade entra na rota da Indústria 4.0, transição energética e soluções tecnológicas aplicadas. Cada projeto desenvolvido é pensado para gerar impactos reais na vida das pessoas, fortalecendo o município como referência nacional em inovação e desenvolvimento sustentável. Nos 111 anos de Foz, o parque representa a força de uma cidade que inova com propósito e cresce com inclusão. Um legado que molda o futuro.



Foto de Kiko Sierich / Itaipu Parquetec





PARABÉNS FOZ DO IGUAÇU

111 anos de uma linda história!

Que essa terra abençoada continue sendo um
símbolo de união entre povos, natureza exuberante
e um destino que encanta o mundo inteiro.



GRUPODUMA
Presente na vida da comunidade

Deoclecio
 **Duarte**

A Foz que não se vê: entre conquistas e desafios rumo aos ODS

Por trás do brilho das Cataratas, da pujança do turismo e da grandiosidade de Itaipu, existe uma cidade real, onde há desigualdades, invisibilidades e urgências sociais que desafiam os próximos 111 anos.

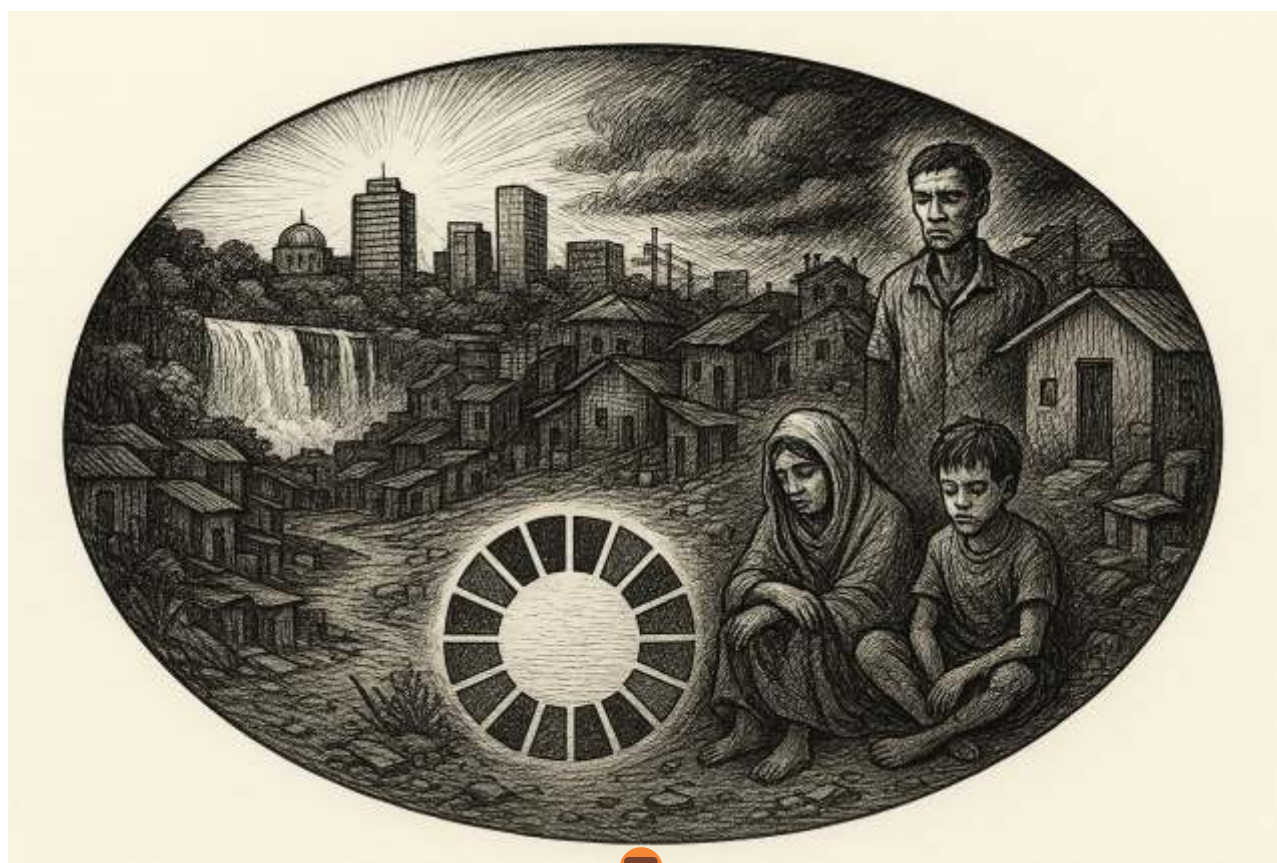


Imagem gerada com recursos de Inteligência Artificial

Foz do Iguaçu encanta o mundo com suas belezas naturais, diversidade cultural e realizações urbanas. Suas obras estruturantes, sua rede hoteleira, seus polos universitários e o dinamismo comercial da Tríplice Fronteira ajudam a construir uma imagem de cidade modelo. Mas além do que se vê, há outra Foz, oculta aos olhos do visitante apressado — a Foz dos que lutam diariamente para sobreviver e serem notados.

Na borda dos centros iluminados, há bairros onde o asfalto ainda é promessa, a escola funciona em turnos apertados e o transporte público é limitado. Crianças crescem sem acesso a equipamentos culturais, jovens sem oportunidades de formação real, idosos esquecidos nos bairros periféricos. A informalidade predomina em muitos setores, e com ela, a instabilidade da renda, a precariedade da moradia, a insegurança alimentar.

Enquanto os fluxos internacionais movimentam a cidade, há pessoas que sequer têm documentos regularizados ou acesso pleno aos serviços públicos. A

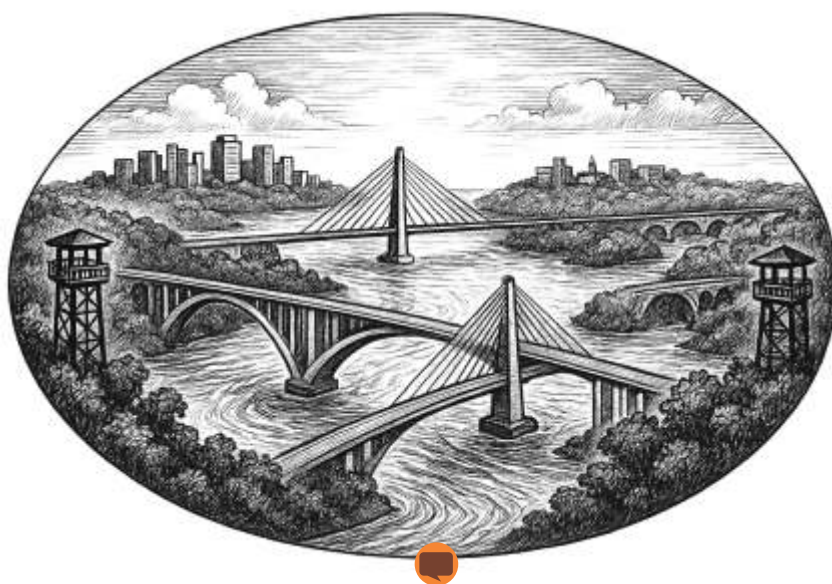
situação se agrava em épocas de chuvas, de frio intenso, de desemprego ou quando a burocracia substitui a sensibilidade no trato com a população vulnerável.

Não se trata de negar os avanços conquistados — mas de reconhecer que o desenvolvimento urbano não pode seguir descolado da justiça social. Foz do Iguaçu precisa, mais do que nunca, encontrar maneiras de equilibrar crescimento e inclusão. É necessário reverter as desigualdades com políticas públicas de longo prazo, promover a escuta cidadã e garantir que as benesses da metrópole turística também cheguem aos becos e vielas das áreas menos valorizadas.

Em meio aos 111 anos de emancipação, esta é uma pauta urgente: fazer com que a cidade pertença a todos, e não apenas aos que estão no centro das decisões. Uma Foz mais humana, mais justa e mais empática começa com o reconhecimento dos que foram deixados para trás. Esse será o verdadeiro legado — e o maior desafio — dos próximos tempos.

Fronteira viva: a geopolítica que molda Foz do Iguaçu

Entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina,
Foz do Iguaçu é muito mais que um ponto de passagem.
É palco de disputas estratégicas, políticas públicas difusas e realidades sobrepostas



Foz do Iguaçu está incrustada em um dos territórios mais sensíveis e complexos da América do Sul. Na confluência dos rios Iguaçu e Paraná, articula três países, três sistemas econômicos, três modelos de segurança e três modos distintos de ocupação do espaço. A chamada Tríplice Fronteira, com suas pontes e suas passagens, é símbolo de integração — mas também de vigilância e controle.

Nos últimos 40 anos, a região ganhou projeção global. Estudada por centros de inteligência internacionais, foi rotulada por vezes como “zona cinzenta”, território propício a atividades ilícitas, tráfico de mercadorias, evasão de divisas, pirataria e até financiamento de organizações extremistas. Muito disso é exagero e inverdade, fruto de narrativas interessadas e análises apressadas. Mas há, sim, um componente de informalidade estrutural que precisa ser compreendido com seriedade — não com estigmas.

Foz convive com operações constantes da Polícia Federal, Receita Federal, Exército, Abin, além de cooperações internacionais com DEA, Interpol e forças estrangeiras. Ao mesmo tempo, é casa de centenas de milhares de pessoas que cruzam as fronteiras diariamente para trabalhar, estudar, visitar familiares ou consumir. A fronteira é um organismo vivo: pulsa com a economia formal e informal, sobrevive de contrastes cambiais, e se reinventa entre controles alfandegários e fluxos que escapam aos mapas.

A cidade é afetada por decisões que muitas vezes não nascem em seu território. Um bloqueio aduaneiro no Paraguai, uma sanção internacional, uma

variação abrupta do dólar — tudo impacta diretamente o comércio local, o turismo, os serviços e até o humor das ruas. Ao mesmo tempo, Foz é berço de iniciativas corajosas de integração. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), por exemplo, simboliza um projeto ambicioso de diplomacia do conhecimento. A Ponte da Integração, recém-construída, é outro esforço para desconcentrar o fluxo da Ponte da Amizade e equilibrar a logística regional.

Mas o cenário não é simples. A ausência de políticas públicas articuladas entre os três países gera gargalos imensos em saúde, educação, segurança e urbanização. Cidades-gêmeas convivem com legislações conflitantes e infraestrutura desigual. Paraguaiois vêm buscar atendimento médico no Brasil; brasileiros vão abastecer no Paraguai; argentinos atravessam a fronteira para fazer compras, utilizam os serviços de saúde — e todos dividem os mesmos ônibus, os mesmos engarrafamentos e, muitas vezes, os mesmos silêncios diplomáticos.

A geopolítica da fronteira exige mais que vigilância e repressão. Exige planejamento integrado, respeito às culturas locais e inteligência institucional. É preciso pensar Foz do Iguaçu não só como um ponto final de território nacional, mas como o início de algo maior: um modelo possível de convivência entre soberanias, onde a paz e o comércio convivam com ética, e não apenas com conveniência.



Itaipu: a tarifa de energia entre fatos, mitos e o pacto binacional

Modelo tarifário da usina ainda é alvo de desinformação, mas segue amparado por tratado internacional e funciona com base na igualdade entre Brasil e Paraguai

Poucos temas geram tanto ruído quanto a tarifa de energia da Itaipu Binacional. Envoltos em mitos, críticas imprecisas e desinformação, a cobrança praticada pela usina é muitas vezes mal compreendida — especialmente por quem ignora que a Itaipu não é uma empresa convencional. Trata-se de uma entidade binacional, gerida paritariamente por Brasil e Paraguai, amparada por um tratado internacional desde 1973, com cláusulas claras e decisões conjuntas.

O valor da tarifa não é imposto pelo Brasil, nem alterado por vontade política. Ele é calculado com base no CUSE — o Custo Unitário dos Serviços de Eletricidade — que considera todos os custos operacionais da usina. O critério está descrito no Anexo C do Tratado de Itaipu, atualmente em revisão conforme previsto no próprio acordo. Nenhum país toma decisões sozinho: tudo é definido em conjunto, com voto paritário entre os dois lados da margem do rio Paraná.

Outro equívoco recorrente é imaginar que Itaipu opera com fins lucrativos. Não é o caso. Toda a receita obtida com a venda de energia é destinada a custear a operação, manter investimentos estratégicos, realizar projetos socioambientais e de desenvolvimento — sobretudo no Paraguai — e garantir tarifas reduzidas ao consumidor brasileiro. Com a quitação da dívida da construção

em 2023, esse modelo ficou ainda mais eficiente. Só para 2025–2026, o repasse previsto para manter a tarifa estável é de US\$ 709 milhões.

Ainda assim, persistem boatos. Circula, por exemplo, a falsa ideia de que os investimentos ambientais e sociais da usina encarecem a conta de luz. Não encarecem. São previstos em orçamento e realizados dentro das normas do tratado. Também não é verdade que o Brasil “subsidiaria” o Paraguai: o país vizinho apenas revende ao Brasil o excedente da energia a que tem direito, como o próprio acordo binacional determina. Até os saldos orçamentários — objeto recente de especulação — são geridos com base em regras claras e binacionais.

Ao manter uma tarifa estável e acessível, Itaipu cumpre um papel geopolítico estratégico. Garante energia a preço justo, contribui para o desenvolvimento regional e simboliza uma rara experiência de cooperação internacional bem-sucedida. Se há ruído em torno do tema, ele não parte do modelo. Parte da má-fé — ou do desconhecimento. Porque quando o assunto é Itaipu, o compromisso com a verdade também precisa ser binacional.





Foz do Iguaçu completa
111 ANOS
e há 45 anos **cuidamos dela com orgulho.**



Itamed
itamed.com.br

HOSPITAL

PLANO DE SAÚDE

LABORATÓRIO

CENTRO CLÍNICO



Rede de proteção cresce e garante atendimento mais amplo a pessoas em situação de rua

Com nova estrutura e abordagem humanizada, Foz do Iguaçu amplia ações sociais e se prepara para o primeiro censo populacional de rua do interior do Brasil.



O número de atendimentos a pessoas em situação de rua cresceu quase 70% em Foz do Iguaçu no primeiro quadrimestre de 2025. Segundo dados da assistência social, as abordagens realizadas pelo Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) passaram de 2.356 para 3.995 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Os encaminhamentos quase dobraram, saltando de 754 para 1.308 — uma alta de 73,5% — e os serviços ofertados também aumentaram na mesma proporção.

O avanço é atribuído à reestruturação do serviço, que passou a operar com uma equipe ampliada, nova sede centralizada e atuação em regime de plantão 24 horas. O número de educadores sociais foi reforçado, permitindo maior cobertura territorial e atendimento mais humanizado. As ações ocorrem diariamente, de dia e à noite, em parceria com órgãos de segurança, com foco na identificação e no acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade — incluindo crianças, adolescentes, famílias e migrantes em trânsito.

Após a abordagem, os atendidos são encaminhados ao Centro Pop, onde recebem escuta psicossocial, alimentação, acesso a banho, lavanderia e atividades integrativas. Após as 19h, os acolhimentos são direcionados às casas de passagem mantidas pelo município. Ainda assim, a recusa ao atendimento é parte do processo, e é respeitada. O trabalho da equipe segue o princípio da escuta ativa e do cuidado, sem impor condições. O número de recusas também aumentou: de 1.307 para 2.556, um reflexo direto do aumento da cobertura.

A estrutura de acolhimento inclui três casas de passagem que oferecem abrigo por até 90 dias, com alimentação, kits de higiene, atendimento médico, apoio para emissão de documentos e ações de inserção no mercado de

trabalho. Cada casa atende a públicos específicos: idosos, famílias com crianças, homens em situação de rua, migrantes e refugiados. O objetivo é criar condições para a reinserção social ou familiar, sempre respeitando a singularidade de cada história.

Foz do Iguaçu também se prepara para realizar o primeiro censo populacional de pessoas em situação de rua do interior do Brasil, reunindo mais de 27 instituições na coleta de dados. O objetivo é obter um diagnóstico preciso da realidade local e, com base nele, planejar políticas públicas mais eficientes e estruturadas.

A nova configuração da rede de proteção social marca uma virada no atendimento à população em situação de rua em Foz do Iguaçu. O trabalho já não se resume à assistência pontual, mas busca promover autonomia, dignidade e oportunidades reais de recomeço.



Fotos SECOM/Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu





Investimentos estruturantes fortalecem a rede pública de saúde em Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu amplia rede pública de saúde com novos equipamentos, contratação de profissionais, obras de atenção básica e especializada e aumento no número de exames e cirurgias

Com um pacote de R\$ 19,7 milhões em recursos destinados à área da saúde, Foz do Iguaçu inicia uma nova fase de ampliação e modernização da sua rede pública. O investimento, viabilizado em parceria com o Governo do Estado, contempla obras, aquisição de veículos, contratação de profissionais e custeio de procedimentos especializados, com foco na melhoria do acesso da população aos serviços de saúde.

Entre as ações previstas estão quatro obras de grande impacto: a construção do Ambulatório Médico de Especialidades (AME), com aporte de R\$ 8 milhões, que permitirá a realização de consultas, exames e pequenos procedimentos de forma ágil e sem internação; o novo Pronto Atendimento Médico (PAM) no bairro Porto Meira, com investimento de R\$ 4,5 milhões, voltado a urgências e emergências; a nova Unidade Básica de Saúde (UBS) no Três Bandeiras, no valor de R\$ 1,3 milhão; e o custeio de consultas e exames especializados, com aporte de R\$ 3,7 milhões para acelerar diagnósticos e reduzir filas.

A proposta segue a lógica da regionalização e da descentralização dos serviços, garantindo maior capilaridade no atendimento e fortalecendo a atenção primária. Ao distribuir a estrutura em pontos estratégicos da cidade, busca-se desafogar os hospitais e garantir maior resolutividade na rede básica e ambulatorial.

Também foi reforçada a frota da saúde com a entrega de 37 novos veículos, a serem utilizados pelas equipes de atenção básica em visitas domiciliares

e ações territoriais. Essa medida amplia a capacidade de cuidado direto com as famílias, especialmente nos bairros mais distantes e nas áreas de maior vulnerabilidade.

Outro avanço importante foi o chamamento de 75 novos técnicos e auxiliares de enfermagem, que vão reforçar o atendimento nas UBSs, UPAs e serviços domiciliares. A ampliação do quadro de profissionais é fundamental para garantir agilidade e qualidade no atendimento ao público.

Em paralelo às novas obras e reforço de pessoal, também foi anunciada a expansão do poliambulatório municipal, com a meta de dobrar o número de cirurgias eletivas realizadas mensalmente — passando de uma média de 600 para até 1.300 procedimentos. A iniciativa tem como objetivo acelerar a realização de cirurgias de baixa e média complexidade, promovendo mais dignidade para quem aguarda há meses por um procedimento.

Os investimentos celebram a articulação entre diferentes esferas da administração pública e colocam Foz do Iguaçu em posição de destaque no planejamento regional da saúde. As melhorias previstas devem ter impacto direto e duradouro na vida da população, com uma rede mais preparada, próxima e resolutiva.





Parabéns Foz do Iguaçu

Gratidão por nos permitir **cuidar**
da cidade, do seu futuro e do
seu meio ambiente, sempre com
carinho e dedicação

Mutirões de limpeza mobilizam bairros e promovem bem-estar coletivo em Foz do Iguaçu

Ações integradas de zeladoria urbana melhoram a paisagem, previnem doenças e fortalecem o cuidado coletivo com os espaços públicos



Fotos SECOM/Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

As ações integradas de limpeza urbana têm transformado a paisagem de diversos bairros de Foz do Iguaçu, promovendo não apenas melhorias visuais, mas também impactos significativos na saúde pública, segurança e qualidade de vida da população. Um dos exemplos mais recentes foi registrado no Jardim São Roque, onde moradores acordaram surpreendidos com a movimentação de máquinas e trabalhadores. O mutirão contemplou os setores São Roque 1, 2 e 3, levando uma operação completa de zeladoria urbana à região.

O conjunto de serviços executados segue um padrão que já beneficiou bairros como Vila A, Centro, Vila Portes e Jardim Jupira. Entre as atividades estão a poda de árvores, recolhimento de entulhos, capina, roçada, corte de grama, pintura de meios-fios, limpeza de bocas de lobo e tapa-buracos. As ações também têm um importante papel na prevenção de doenças, especialmente no combate à dengue, ao eliminar criadouros do mosquito *Aedes aegypti*.

Mais do que revitalização de espaços, os mutirões têm promovido um sentimento de pertencimento e colaboração entre os moradores. Em muitos casos,

os próprios residentes se mobilizam para ajudar nas atividades, tornando a ação coletiva e ainda mais eficaz. A adesão espontânea da comunidade reforça o impacto positivo das iniciativas, que unem poder público e população em torno de um bem comum: o cuidado com o espaço urbano.

As operações vêm ocorrendo desde os primeiros meses do ano e são realizadas de forma coordenada entre diferentes setores da administração. A proposta é que todos os bairros da cidade sejam contemplados ao longo do tempo, em ciclos planejados de manutenção e limpeza. Além do aspecto visual, os mutirões contribuem para o fortalecimento de vínculos comunitários e para a valorização dos espaços públicos como locais de convivência, segurança e saúde.

A experiência vivida no Jardim São Roque é reflexo do esforço contínuo para manter a cidade limpa, acolhedora e preparada para os desafios de uma Foz do Iguaçu em constante crescimento.

Infraestrutura em foco: obras viárias impulsionam desenvolvimento e conectividade urbana

Recapeamento, drenagem e prolongamentos viários reforçam o papel da infraestrutura urbana no crescimento sustentável de Foz do Iguaçu

O ano de 2025 marca uma nova etapa na mobilidade e na infraestrutura urbana de Foz do Iguaçu. Diversas obras de pavimentação, drenagem e prolongamento viário estão em curso ou já foram entregues, beneficiando diretamente moradores, comerciantes e visitantes. Mais do que intervenções técnicas, essas ações são vistas como catalisadoras do desenvolvimento urbano, capazes de transformar a paisagem da cidade e melhorar o dia a dia da população.

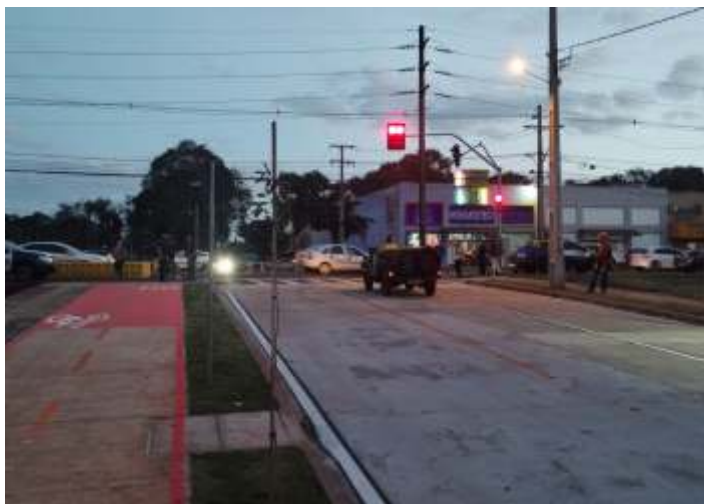
Um dos principais destaques é o recape asfáltico da Avenida Juscelino Kubitschek (JK), uma das mais importantes vias de ligação da cidade. A obra abrange o trecho entre a Avenida Carlos Gomes e o viaduto da BR-277, no sentido Itaipu Binacional. Os trabalhos envolveram fresagem, nivelamento da base e aplicação de nova camada asfáltica. Para garantir a execução com qualidade, o tráfego foi parcialmente interditado, alternando faixas para minimizar o impacto no fluxo.

Além da JK, a Avenida Paraná e a Avenida das Cataratas também passaram por melhorias. Nesta última, a ação foi motivada principalmente pelo desgaste causado pelo tráfego intenso de caminhões que utilizam o corredor como acesso à Ponte Tancredo Neves e à Argentina. Os reparos se concentraram entre a Rua Ignácio Sottomaior e a Rua Major Acilino de Castro, passando pela Avenida Iguaçu. A recuperação desses trechos contribui para a segurança de pedestres e condutores, especialmente em uma das rotas turísticas mais emblemáticas da cidade.

Outro avanço relevante foi a entrega do primeiro trecho do prolongamento da Avenida João Paulo II, que agora conecta a Avenida Jorge Sanwais à Avenida Felipe Wandscheer. A obra faz parte de um projeto de mobilidade urbana com quase dois quilômetros de extensão. Foram concluídos cerca de 900 metros, com pavimento rígido em mais de 8 mil metros quadrados. O segundo trecho, que se estenderá até a Avenida das Cataratas, já está previsto no planejamento.

Paralelamente às grandes obras, a cidade também investiu em melhorias pontuais, porém essenciais: mais de 2.500 intervenções em bocas de lobo e galerias pluviais foram realizadas em diferentes bairros. Essas ações incluem limpeza, conserto e troca de tampas, contribuindo para a prevenção de alagamentos e o escoamento eficiente da água da chuva. As regiões com maior volume de serviços foram Morumbi, Centro e Porto Meira, áreas densamente habitadas e com histórico de acúmulo de água em dias de chuva intensa.

Essas intervenções integram uma estratégia de modernização do sistema viário, aliando planejamento técnico, monitoramento de demandas e execução gradativa. Mais do que resolver problemas pontuais, o objetivo é construir uma cidade mais fluida, segura e preparada para seu crescimento futuro — com infraestrutura à altura do potencial econômico e turístico de Foz do Iguaçu.



Moradia e dignidade: famílias da Vila Brás se preparam para um novo começo no Jardim das Palmeiras

Conjunto habitacional no Jardim das Palmeiras marca nova etapa na vida de famílias da Vila Brás, com foco em dignidade, segurança e reconstrução social

A concretização do sonho da casa própria está cada vez mais próxima para 52 famílias da Vila Brás, em Foz do Iguaçu. Após anos convivendo com situações de risco — como alagamentos, precariedade no saneamento e insegurança estrutural — essas famílias estão prestes a iniciar uma nova etapa de vida no Conjunto Habitacional Jardim das Palmeiras.

Realizada uma nova visita técnica ao local, com participação de representantes das famílias, engenheiros e equipes sociais envolvidas no projeto. A ação integra o cronograma do Comitê de Acompanhamento de Obra, que acompanha a construção das unidades habitacionais com foco na transparência, no diálogo e na preparação dos futuros moradores.

As moradias fazem parte do projeto “Construção de Habitações de Interesse Social em Atendimento a Famílias em Situação de Vulnerabilidade Social”, desenvolvido em convênio entre o município, o Fozhabita e o Itaipu Parquetec, com apoio técnico e financeiro da Itaipu Binacional. O empreendimento prevê a entrega de 254 unidades habitacionais, sendo que as primeiras 52 famílias serão realocadas ainda neste segundo semestre, conforme o andamento das obras.

Durante a visita, os participantes puderam acompanhar de perto os avanços estruturais, como pavimentação, redes de água e esgoto, e infraestrutura das futuras casas. Mais do que uma verificação técnica, o momento foi marcado por forte carga emocional. Muitos moradores, há anos aguardando por condições mais dignas de moradia, emocionaram-se ao caminhar pela área onde em breve estarão seus novos lares.



O projeto, além de entregar moradias, propõe a reconstrução de vidas. A política habitacional adotada segue critérios técnicos e sociais estabelecidos em convênio, com mecanismos de controle, fiscalização e prestação de contas. Todas as famílias beneficiadas passaram por processo seletivo conduzido com base em indicadores de vulnerabilidade previamente definidos.

Mais que blocos de concreto e telhas, o que se ergue no Jardim das Palmeiras é a materialização de uma política pública voltada à inclusão e à dignidade. Cada casa representa a saída de uma condição de risco para a chance de recomeçar em um ambiente seguro, estruturado e com melhores perspectivas para o futuro.

A entrega das unidades do primeiro lote está prevista para ocorrer até o mês de agosto, quando as famílias devem se mudar definitivamente. Até lá, novas visitas técnicas estão programadas para manter os moradores envolvidos e informados sobre cada etapa do processo, garantindo que esse novo capítulo comece com transparência e acolhimento.





Alimentos Coloridos: quando comer também vira brincadeira, saúde e aprendizado

Flores no prato, saúde no futuro: escolas municipais transformam a alimentação infantil em experiência educativa e sensorial



Nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) de Foz do Iguaçu, o prato do dia vai além do arroz com feijão. Entre as novidades que têm colorido e enriquecido a rotina das crianças está o uso criativo de flores e plantas alimentícias não convencionais — como ora-pro-nóbis, hibisco e quenafe — incorporadas ao cardápio de forma lúdica, saudável e educativa.

O projeto, iniciado de forma experimental, virou um exemplo local de inovação na alimentação escolar. As cores vibrantes nos pratos, com arroz azul, rosa ou lilás, frango com pó de flores ou feijão aromatizado com ervas desidratadas, chamam a atenção dos pequenos e despertam a curiosidade para experimentar novos sabores. A estética não é o único atrativo: a experiência sensorial é completa e os benefícios à saúde são notáveis.

A aceitação entre os alunos surpreendeu a equipe pedagógica. A proposta, ao mesmo tempo em que estimula bons hábitos alimentares, também funciona como ferramenta de aprendizado. As crianças querem saber de onde vêm as cores, o que é aquilo que estão comendo e por que faz bem. Ao perceberem que a comida também é feita de plantas que crescem no entorno, desenvolvem um olhar mais atento à natureza e ao seu próprio corpo. Há relatos de pais que notaram melhoras na disposição e imunidade dos filhos. A ideia de “comer bem para viver melhor” passa a ser compreendida de forma prática e cotidiana, com reflexos em casa e na formação dos hábitos alimentares da família. O que era tratado como mato em outros tempos ganha protagonismo no prato e no discurso das crianças, que se sentem motivadas a provar — e aprovar — o que antes torciam o nariz para comer.

Mais do que alimentação, o projeto oferece uma introdução ao conhecimento agroecológico, à biodiversidade e à cultura alimentar local. Ao aprenderem que a terra nos dá muito mais do que arroz e batata, os alunos começam a valorizar ingredientes que, embora simples, são ricos em vitaminas, fibras e sabores. Isso contribui também para a redução do desperdício e para o fortalecimento de práticas sustentáveis no ambiente escolar.

Outro ponto alto da alimentação escolar na rede municipal está na Escola Cecília Meireles, localizada no bairro Ouro Verde. Ali, a merenda é vista como um momento de afeto e socialização. Os pratos da semana são planejados com variedade e sabor, incluindo pescados fornecidos por pequenos produtores locais. Às sextas-feiras, por exemplo, o filé de tilápia com molho branco costuma ser o favorito das crianças.

As merendeiras são parte essencial dessa engrenagem. Com mãos habilidosas e muita dedicação, transformam ingredientes simples em refeições completas e saborosas, que encantam pelo aroma e pelo cuidado. São elas que dão vida ao cardápio, temperando com afeto o que se serve em cada sala. Em muitos casos, são também as primeiras a notar quando uma criança não está bem — o cuidado vai além da cozinha.

Não se trata apenas de encher barrigas. A merenda escolar em Foz do Iguaçu é tratada como um compromisso com o futuro. Ao promover a educação alimentar desde a primeira infância, a rede pública investe em uma geração mais consciente, saudável e conectada com os saberes do território. Comer bem, nesse contexto, é também um ato de cidadania.

A experiência, que começou em um único CMEI, já serve de referência para outras instituições. E a expectativa é que esse movimento se espalhe. Afinal, se for para educar com sabor e saúde, que seja com cor, afeto e criatividade no prato.





Foz Inteligente: como a IA transforma o serviço público e aproxima o cidadão da tecnologia

Cidade investe em tecnologia para tornar os serviços públicos mais eficientes, acessíveis e humanos — da saúde à educação, da segurança à inclusão



Em tempos de inovação acelerada, Foz do Iguaçu busca se firmar como uma cidade que alia tecnologia, eficiência e inclusão na gestão pública. A inteligência artificial (IA), antes restrita a ambientes corporativos ou acadêmicos, vem sendo incorporada de forma progressiva em áreas essenciais como saúde, educação, mobilidade urbana e atendimento ao cidadão.

Com foco em resolver gargalos históricos, otimizar recursos e melhorar a qualidade dos serviços, a cidade tem investido em soluções que colocam a tecnologia a serviço da população. Um dos principais marcos dessa jornada é a integração da IA ao sistema de saúde municipal — incluindo hospitais, unidades de pronto atendimento e UBSs — com ferramentas que apoiam desde o diagnóstico até o monitoramento de dados clínicos.

Um exemplo concreto dessa transformação é a aplicação de inteligência artificial na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital municipal. A plataforma implantada permite que médicos acessem, em tempo real, informações estratégicas sobre o estado dos pacientes, agilizando decisões e potencializando as chances de recuperação. Além disso, a IA atua no controle de vacinas e na gestão de medicamentos, ajudando a evitar falhas de registro e fortalecendo a segurança sanitária.

Na educação, a tecnologia também vem para somar. Um novo sistema de ensino digital baseado em IA foi adotado em toda a rede municipal, beneficiando milhares de estudantes com uma abordagem lúdica para o ensino da matemática. Por meio de jogos e desafios interativos, os alunos aprendem enquanto se divertem, e os professores conseguem acompanhar o progresso de cada um em tempo real. A proposta não substitui o ensino tradicional, mas o complementa com recursos que ampliam o engajamento e facilitam a aprendizagem.

Outra iniciativa que tem se destacado é o projeto “Cidade na Palma da Mão” — uma plataforma que reúne, em um só ambiente digital, os principais serviços públicos da cidade. O sistema pode ser acessado via celular, computador, totens em locais estratégicos ou em pontos presenciais com atendimento assistido. O objetivo é permitir que o cidadão resolva demandas de maneira prática, rápida e segura, mesmo que não tenha familiaridade com o uso de tecnologias digitais.

A administração pública também foi redesenhada internamente com o apoio da IA. Robôs — os chamados “servidores virtuais” — foram programados para executar tarefas repetitivas e burocráticas em diferentes setores, liberando profissionais humanos

para se concentrarem em atividades mais complexas. Na Procuradoria, por exemplo, a automação permite acelerar atendimentos simples, enquanto, em outras áreas, a IA compila dados e emite relatórios que facilitam o monitoramento das metas públicas.

Na segurança, a cidade se prepara para implementar sistemas com reconhecimento facial, câmeras inteligentes e integração com centrais de emergência. Essas tecnologias visam tornar o monitoramento urbano mais eficaz e responsivo, especialmente em regiões de fronteira, onde o controle e a prevenção do crime exigem ferramentas ágeis e inteligentes.

Outros recursos estão em desenvolvimento, como um aplicativo de mobilidade com botão de emergência por comando de voz — voltado a situações de perigo em que o usuário não possa utilizar o aparelho de forma convencional. A proposta combina acessibilidade, inovação e agilidade para responder a situações críticas.

Todos esses avanços têm como premissa a inclusão digital. Seja no atendimento à população idosa, no suporte a pessoas com deficiência ou no acolhimento de estudantes com necessidades especiais, os sistemas desenvolvidos consideram a diversidade e a pluralidade da comunidade iguaçuense.

Ao incorporar inteligência artificial à rotina da gestão pública, Foz do Iguaçu avança para além dos marcos históricos e geográficos que a definem. Torna-se, também, uma referência em inovação a serviço do bem comum — um passo firme rumo ao futuro, sem esquecer das pessoas que mais precisam dele.



Fotos SECOM/Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu



Segurança em movimento: reforço no efetivo e tecnologia renovam a atuação da Guarda Municipal

Após duas décadas, cidade amplia efetivo da GM e aposta em tecnologia, formação e presença territorial para garantir mais segurança à população



Depois de mais de duas décadas sem convocação de novos agentes, Foz do Iguaçu deu um passo decisivo para ampliar sua capacidade de atuação em segurança pública. Sessenta novos guardas municipais foram chamados para integrar a corporação, representando um aumento de 20% no efetivo vigente do último concurso. A medida reforça a política municipal de valorização da segurança e modernização dos serviços prestados à comunidade.

A incorporação da nova turma faz parte de um pacote de ações que contempla também melhorias em infraestrutura, aquisição de viaturas, novos equipamentos e implantação de tecnologias de vigilância e monitoramento. Os novos agentes passarão por seis meses de formação intensiva, orientados por profissionais experientes que atuam há décadas na segurança local. O objetivo é qualificar o atendimento à população com foco em inteligência, presença territorial e resposta rápida.

O fortalecimento da segurança pública tem efeitos que ultrapassam os indicadores de criminalidade. O aumento do efetivo e a presença mais visível da Guarda Municipal colaboram diretamente com a sensação de segurança da população e com o ambiente de negócios da cidade. Foz tem se apresentado como um destino cada vez mais atrativo para novos empreendimentos, e a estrutura de segurança é uma das condições decisivas para investidores e empreendedores.

A reestruturação da corporação passa também pela modernização da frota e do aparato tecnológico. Dezesete novas viaturas já foram entregues, ampliando a capacidade de patrulhamento. Paralelamente, sistemas de câmeras de vigilância estão sendo integrados a centros de controle, e a renovação da iluminação pública tem avançado, contribuindo para áreas urbanas mais seguras e bem monitoradas.

Outro destaque foi a reativação da Unidade K9, desativada por sete anos, agora incorporada novamente à Guarda Municipal com três cães da raça Pastor Belga Malinois: Brenda, Glock e Xerife. Treinados para detectar drogas, armas e atuar em abordagens de suspeitos, os cães trabalham em turnos, equipados com coletes e acompanhando as equipes em patrulhas e ações educativas. A presença canina já reforça o patrulhamento em regiões estratégicas da cidade e tem impacto direto nas operações de prevenção e resposta rápida.

A atuação da K9 se estende também às escolas da rede pública, com atividades voltadas à prevenção do uso de drogas e aproximação entre as forças de segurança e os estudantes. Essa integração entre patrulhamento ostensivo e ações pedagógicas é mais um sinal de que a segurança pública, em Foz do Iguaçu, tem buscado unir estratégia, inteligência e cidadania.

Com um plano de continuidade em curso, a expectativa é de que novas etapas sejam anunciadas ao longo dos próximos anos. A meta é ampliar o alcance da Guarda Municipal, integrando ações com outras esferas de proteção pública e promovendo um ambiente urbano mais seguro, humano e tecnológico.





SOMOS A ESCOLHA
DE ONTEM, DE HOJE
E DO SEU

AMANHÃ

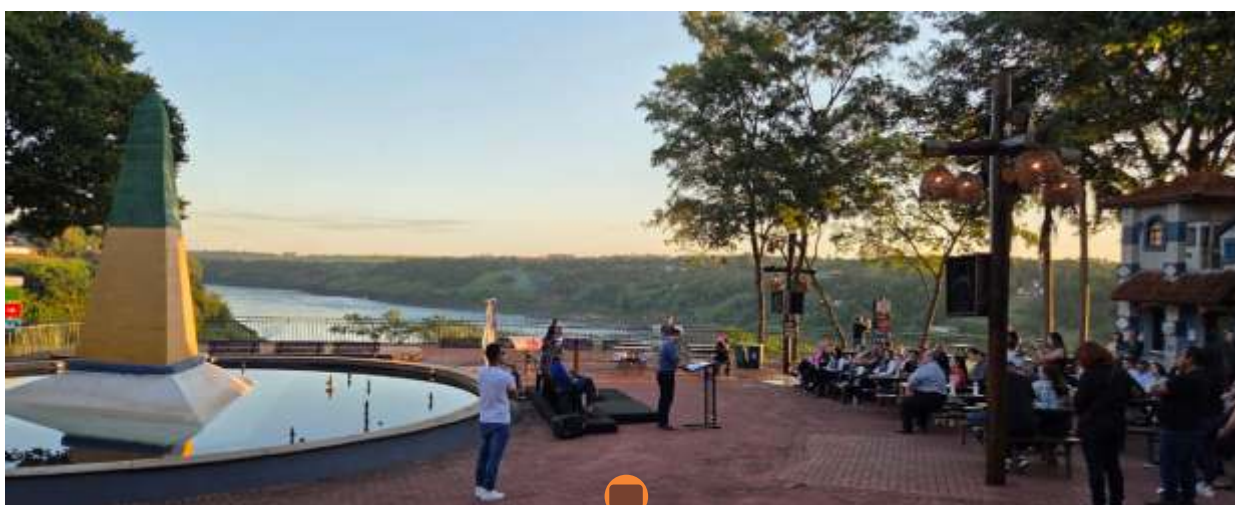
Parabéns Foz do Iguaçu



14 JUN VESTIBULAR
www.udc.edu.br

Memória preservada: Marco das Três Fronteiras é tombado como patrimônio cultural da cidade

Oficialmente tombados como patrimônio cultural,
é reforçado o compromisso com a memória e a identidade histórica de Foz do Iguaçu



Foz do Iguaçu celebrou um importante avanço na valorização de sua memória histórica e identidade multicultural com o tombamento oficial do Marco das Três Fronteiras como patrimônio cultural material. O reconhecimento marca não apenas a preservação de um símbolo geográfico onde Brasil, Argentina e Paraguai se encontram, mas também a consagração de um espaço carregado de significados históricos, sociais e culturais para toda a região trinacional.

Localizado em ponto estratégico da cidade, o monumento remete ao período das missões jesuíticas e ao entrelaçamento de narrativas entre colonizadores, povos originários e migrantes. Ao longo do tempo, o Marco das Três Fronteiras passou de referência territorial a ponto simbólico da convivência pacífica entre as nações vizinhas — uma síntese viva da diversidade que moldou Foz do Iguaçu.

A origem do obelisco remonta a disputas territoriais na virada do século XIX para o XX, quando Brasil e Argentina buscaram resolver impasses diplomáticos por meio de marcos físicos, evitando conflitos armados. A instalação desses obeliscos consolidou a fronteira e registrou, em pedra e cimento, uma escolha pela paz. O tombamento atual reforça esse valor simbólico, assegurando sua preservação para as futuras gerações.

O ato representa um marco não apenas físico, mas também político-cultural, pois inaugura uma nova fase de valorização institucional do patrimônio da cidade. Este foi o primeiro bem tombado oficialmente no município, abrindo caminho para novas ações de proteção e salvaguarda do acervo histórico local.

Antiga sede da Câmara também é tombada

Durante a mesma cerimônia, outro espaço de grande relevância histórica foi reconhecido: o antigo prédio da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, localizado na Praça Getúlio Vargas. Inaugurado em 1972, o edifício funcionou como sede do poder legislativo por mais de três décadas, sendo palco de decisões que influenciaram diretamente os rumos do município.

Mesmo após reformas nas décadas de 1980 e 1990, o prédio manteve características originais que o tornam um exemplar da arquitetura modernista. Elementos como a escadaria helicoidal e os terraços com floreiras continuam evidenciando a proposta arquitetônica da época, permitindo a leitura histórica e estética do projeto. O tombamento desse imóvel reforça a importância de preservar não apenas estruturas físicas, mas também os ambientes onde a cidadania foi exercida de maneira plena.

Ambos os tombamentos — o do Marco das Três Fronteiras e o da antiga sede da Câmara — integram uma política mais ampla de reconhecimento da memória urbana, que busca preservar os traços identitários de Foz do Iguaçu em sua paisagem material. São decisões que ecoam o compromisso com o passado e projetam, para o futuro, o orgulho de uma cidade que cresceu a partir da pluralidade cultural e do diálogo entre diferentes povos.

Foz se destaca como polo esportivo e recebe grandes eventos em 2025

Com eventos, incentivo ao atleta e obras em andamento, Foz do Iguaçu consolida seu papel como referência esportiva no Paraná

O esporte em Foz do Iguaçu atravessa uma fase de avanços significativos, tanto em estrutura quanto em visibilidade nacional e internacional. Em 2025, a cidade consolidou-se como sede de grandes competições e fortaleceu políticas de incentivo ao atleta, promovendo a inclusão esportiva e o alto rendimento.

Um dos destaques do ano será a realização do WTT Star Contender 2025, etapa internacional do circuito profissional de tênis de mesa. A competição, que ocorrerá entre os dias 28 de julho e 3 de agosto, trará à cidade alguns dos principais nomes do esporte mundial. O evento será sediado no Rafain Convention Center, com promessa de disputas de alto nível técnico e grande presença de público.

A escolha de Foz do Iguaçu como sede reflete a capacidade da cidade em receber eventos de grande porte, combinando infraestrutura adequada, localização estratégica e atrativos turísticos. O calendário esportivo de 2025 já inclui eventos como o Mundial e o Brasileiro de Boxe, Campeonatos de Badminton, Copas Foz de Basquete, e os Jogos Paradesportivos do Paraná (Parajaps). Ainda neste ano, a cidade sediará as Olimpíadas da APAE, os Jogos do Judiciário e os Jogos Escolares Estaduais.

O apoio direto aos atletas também é parte central da política esportiva local. Atualmente, 602 atletas iguaçuenses recebem bolsa incentivo,

contemplando modalidades como atletismo, bicicross, badminton, judô, natação, rugby, tênis de mesa, vela, xadrez, entre outras. O programa busca garantir condições para que talentos da cidade se desenvolvam e representem Foz em competições oficiais.

As equipes locais participam ativamente de todos os jogos promovidos pelo Governo do Estado, incluindo os Jogos Escolares, Jogos da Juventude, Jogos Abertos, Paraná Bom de Bola, Paraná Combate, Jogos da Integração do Idoso e os Jogos Paradesportivos. Esse envolvimento fortalece a presença do município no cenário esportivo regional e amplia as oportunidades de formação e descoberta de novos talentos.

Paralelamente ao incentivo humano, Foz também investe na estrutura esportiva. Entre as principais obras em andamento estão a construção do Ginásio do Cidade Nova, a reforma do Parque Aquático do Complexo Esportivo Costa Cavalcanti, a nova iluminação da pista de atletismo e a ampliação do projeto Meu Campinho, que oferece espaços de lazer e prática esportiva em bairros da cidade.

Ao completar 111 anos, Foz do Iguaçu mostra que seu legado esportivo vai além dos troféus e medalhas. Está na formação cidadã, no estímulo ao convívio saudável, na promoção da saúde e no fortalecimento da identidade comunitária. E, cada vez mais, no protagonismo nacional como cidade do esporte.



Policlínica Bremm: Saúde integrada com Excelência e Inovação

Um modelo que antecipa o futuro da medicina, com Infraestrutura completa e pensada para cuidar por meio da excelência médica com atendimento humanizado, modernização e a saúde sustentável.

A Policlínica Bremm nasceu com uma missão clara: transformar o cuidado com a saúde em Foz do Iguaçu. Mais do que um centro médico, representa um novo conceito em atenção integrada, unindo especialidades médicas, exames e procedimentos em um único espaço, com foco em eficiência, acolhimento e qualidade.

Projetada para oferecer praticidade e resolutividade, a Policlínica Bremm elimina a fragmentação típica dos atendimentos médicos tradicionais. Em vez de deslocamentos entre clínicas e laboratórios, o paciente encontra tudo o que precisa em um só lugar. Do diagnóstico ao tratamento, passando por exames e acompanhamento, o percurso é contínuo, eficiente e confortável — como deve ser em uma medicina centrada na pessoa.

Fundada pelo médico cirurgião Dr. Luiz Carlos Bremm e pela Denise Bremm, a Policlínica se destaca por suas instalações modernas, ambientes amplos e equipamentos de última geração. Consultórios especializados, laboratório próprio de análises clínicas, setor de enfermaria e aparelhos de ecografia com altíssima resolução integram um ecossistema pensado para a excelência.

Destaque especial ao seu Centro Cirúrgico habilitado para procedimentos ambulatoriais de pequena e média complexidade. Credenciada como "Hospital Dia", a Policlínica oferece cirurgias com alta no mesmo dia — prática cada vez mais adotada em sistemas de saúde avançados, por reduzir riscos, custos e internações prolongadas.

O cuidado técnico da Policlínica é conduzido por uma equipe multidisciplinar de profissionais altamente qualificados, graduados nas mais respeitadas universidades do país. São médicos, dentistas, psicólogos, nutricionistas e fisioterapeutas que atuam de forma integrada, com protocolos atualizados e abordagem personalizada para cada paciente.

À frente da direção clínica está o Dr. Luiz Carlos Bremm, referência em CIRURGIA DO APARELHO DIGESTIVO e cirurgia GERAL. Com mais de 13 mil cirurgias realizadas em Foz do Iguaçu, sua trajetória profissional — formada na PUC-RS e com atuação em instituições de renome — contribuiu diretamente para a construção de uma estrutura robusta, segura e alinhada com os mais elevados padrões da medicina contemporânea.

A Policlínica Bremm carrega em seu DNA o compromisso com a responsabilidade socioambiental. Segue rigorosamente todas as normas do setor, investe constantemente em tecnologia médica e na melhoria contínua de seus processos. A adoção de novos protocolos, a modernização de seus equipamentos e o foco na prevenção colocam a unidade na vanguarda da saúde em Foz.

O modelo "Hospital Dia" adotado pela Policlínica está alinhado às melhores práticas globais, oferecendo procedimentos menos invasivos com recuperação assistida em casa. Isso significa menos tempo em ambiente hospitalar, mais conforto ao paciente e melhor uso dos recursos da saúde — sem abrir mão da segurança e do cuidado profissional.

Acolhimento e acesso: saúde para todos

A Policlínica Bremm também se dedica a tornar a saúde acessível. Além de atender pacientes particulares, mantém parcerias com planos de saúde privados, ampliando seu alcance à comunidade. O atendimento é humanizado, empático e voltado às necessidades individuais, em um ambiente que respeita, acolhe e cuida.



Agende sua consulta ou exame com facilidade:

Telefone: (45) 3025-6925 e WhatsApp: (45) 99105-3217

Endereço: Rua Martins Pena, 356 – Jardim Renato Festugato

Policlínica Bremm - A inovação em saúde integrada ao seu alcance.



PARABÉNS, FOZ!

111

ANOS



COM ORGULHO, FAZEMOS PARTE
DESSA HISTÓRIA HÁ 54 ANOS!



Hospital Itamed celebra conquistas e reforça compromisso com a saúde em Foz do Iguaçu

Com 45 anos de história, o Hospital Itamed fortalece seu papel como referência regional em saúde pública e privada, integrando estrutura hospitalar moderna, centro clínico completo e plano de saúde com foco em cuidado, inovação e acessibilidade.

Testemunha do crescimento urbano e social de Foz do Iguaçu, o Hospital Itamed completa 46 anos de dedicação à saúde da população iguaçuense em 2025. Neste aniversário de 111 anos da cidade, a instituição celebra avanços estruturais e assistenciais que a consolidam como um dos principais complexos hospitalares do Paraná.

Referência regional pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em áreas como Oncologia, Cardiologia, Gestação de Alto Risco e Neonatologia, o hospital tem ampliado sua estrutura e modernizado seus serviços com investimentos significativos. Um dos marcos mais recentes foi a reinauguração do Centro e Clínica de Oncologia, espaço que re une atendimentos ambulatoriais, exames diagnósticos, observação, curativos e tratamentos como quimioterapia e radioterapia. Com dois aceleradores lineares — um deles de última geração —, o hospital passou a atender integralmente os pacientes da região, evitando deslocamentos para outras cidades.

Na  rea da Cardiologia, o pronto-socorro com atendimento 24h por especialistas, somado ao serviço de hemodinâmica e ao centro cirúrgico, possibilitou a eliminação da fila de espera para cirurgias cardíacas pelo SUS no início de 2024 — um feito relevante no cenário da saúde pública regional.

A atenção materno-infantil também se destaca. A maternidade, as UTIs neonatal e pediátrica e a unidade de cuidados intermediários (UCI) garantem suporte especializado a gestantes de alto risco, recém-nascidos e crianças em estado crítico. A estrutura posiciona o Itamed como polo de excelência nesse tipo de atendimento.

Planejamento e expansão

O hospital também projeta o futuro com base em um novo Planejamento Estratégico, aprovado no ano passado, que reforça o foco no cuidado centrado no paciente, nas equipes multiprofissionais e na gestão integrada. Em articulação com os governos municipal e estadual, a instituição tem ampliado sua capacidade de atendimento e está   frente de discussões sobre expansão dos serviços oferecidos em Foz do Iguaçu.

Ainda em 2024, o complexo apresentou seu reposicionamento institucional e nova identidade visual, acompanhados do anúncio de um investimento de aproximadamente R\$ 100 milhões da Itaipu Binacional. Os recursos estão sendo aplicados na aquisição de equipamentos médico-hospitalares, sistemas de tecnologia da informação, obras de infraestrutura e na cobertura parcial do déficit oriundo de atendimentos via SUS.

Complementando as estratégias de financiamento, foi iniciado um processo de captação de recursos por meio de emendas parlamentares e da campanha Destina IR,

que permite aos contribuintes direcionarem parte do Imposto de Renda devido ou a restituir para projetos sociais e de saúde — um instrumento direto de participação comunitária no fortalecimento do atendimento hospitalar.

Estrutura completa em um só lugar

Além do hospital, o Itamed opera um Centro Clínico com mais de 200 médicos credenciados, distribuídos em mais de 40 especialidades. O espaço, recentemente reformado e ampliado, inclui salas de atendimento, áreas para pequenos procedimentos e realização de exames, atendendo pacientes particulares e de convênios.

Na mesma estrutura funciona o Laboratório Itamed, com equipamentos de última geração, capacidade para mais de 5 mil tipos de exames e entrega rápida de resultados. Muitos desses exames são exclusivos na região, garantindo diagnósticos mais precisos e  geis.

Outro pilar do complexo é o Itamed Plano de Saúde, que atende cerca de 30 mil beneficiários em Foz do Iguaçu e região. Com planos voltados para MEIs e empresas, a operadora tem expandido sua base com foco na qualidade, agilidade e cobertura de serviços em saúde.

Ao integrar atendimento hospitalar, ambulatorial, diagnóstico e plano de saúde, o Hospital Itamed se consolida como um modelo de atenção em saúde completa, acessível e comprometida com a vida dos iguaçuenses.



Foto de acervo do Hospital Itamed

Bourbon Cataratas do Iguaçu: cinco décadas de história conectadas ao destino Foz

Resort da Bourbon Hospitalidade é referência para famílias e a realização de eventos em um dos principais destinos turísticos do Brasil

Foz do Iguaçu completa 111 anos em 2025. Grande parte dessa história é compartilhada com o Bourbon Thermas Eco Resort Cataratas do Iguaçu, propriedade da Bourbon Hospitalidade que há 51 anos contribui para o fortalecimento do turismo local e o reconhecimento internacional da cidade como destino multifacetado.

Situado a poucos minutos do Parque Nacional do Iguaçu, com as mundialmente famosas Cataratas do Iguaçu, o resort ocupa uma área de 245 mil m² em meio à vegetação nativa. Com estrutura voltada tanto ao público familiar quanto ao corporativo, o empreendimento se diferencia pelas iniciativas ambientais. É o único hotel da região com o Selo EcoResponsável, reconhecimento pelas práticas de sustentabilidade. Um exemplo disso é o Refúgio de Animais, espaço da unidade que abriga diversas espécies resgatadas do tráfico e de maus-tratos, em parceria com órgãos ambientais.

Lazer, bem-estar e gastronomia

A infraestrutura do resort inclui piscinas com águas termais, trilhas ecológicas, spa, tirolesa infantil, boliche, entre outras atrações, além de um calendário especial de atividades para crianças e adultos. Um dos atrativos voltados às famílias é a parceria com a MSP Estúdios, com suítes e ambientes temáticos da Turma da Mônica, além da presença dos personagens na programação de lazer.

Na gastronomia, o empreendimento reúne espaços com perfis distintos, entre eles, o Vezzoso Cucina, com menu pelo renomado chef Salvatore Loi; o Restaurante Tarobá, que oferece a tradicional Feijoada Bourbon aos sábados; e o Kibô Japanese Bar, dedicado a culinária japonesa.

Palco de eventos nacionais e internacionais

Além da vocação para o lazer e entretenimento, o Bourbon Cataratas do Iguaçu é referência na realização de grandes eventos nacionais e internacionais, como congressos e convenções. A versatilidade da estrutura do resort mostra o papel estratégico de Foz do Iguaçu também no turismo de negócios.

Expansão da Bourbon no Brasil e no exterior

A trajetória do resort é parte importante do movimento de expansão da Bourbon Hospitalidade, que tem mais de 60 anos de atuação no setor. A marca investe na ampliação da presença em mercados estratégicos no país e no exterior.

Na Região Sul do Brasil, estão previstas novas unidades nas cidades de Navegantes e Chapecó, em Santa Catarina. No Estado de São Paulo, Assis e São Roque também receberão hotéis da rede, com aberturas projetadas entre 2026 e 2027.

No cenário internacional, a novidade mais recente é o Rio Hotel by Bourbon Luque | Asunción, inaugurado em maio de 2025 na região metropolitana da capital paraguaia. O empreendimento conta com 80 apartamentos, restaurante de culinária internacional e espaço para eventos com capacidade para até 130 pessoas. Localizado ao lado do Gran Bourbon Hotel Asunción, primeiro cinco estrelas do país, a previsão é que a unidade esteja disponível para reservas a partir de julho deste ano.

Legado que avança com a cidade

Ao longo de mais de meio século, o Bourbon Thermas Eco Resort Cataratas do Iguaçu acompanhou as transformações de Foz, ao mesmo tempo em que também impulsionou parte delas. A relação com o território segue viva, renovada a cada hóspede, evento ou iniciativa que conecta turismo, meio ambiente e experiências de qualidade.





Foz do Iguaçu 111 Anos! Parabéns!



POLICLÍNICA

Rua Martins Pena, 356,
Jardim Renato Festugato, Foz do Iguaçu
☎ (45) 3025-6925 📞 (45) 99105-3217

 **POLICLÍNICA**

Dr. Bremm

**A inovação em saúde integrada
agora ao seu alcance!**

AquaFoz: o novo mergulho de Foz no futuro da conservação e do turismo

Com previsão para setembro de 2025, o empreendimento será um novo símbolo da vocação para o turismo sustentável e para a preservação ambiental.



Divulgação

O AquaFoz, um aquário de última geração construído com investimento 100% privado superior a R\$ 140 milhões, promovido pelo Grupo Cataratas. Mais do que um atrativo de lazer, o AquaFoz nasce como um centro de pesquisa, educação ambiental e conservação da biodiversidade, ocupando um espaço estratégico ao lado do Centro de Visitantes do Parque Nacional do Iguaçu, na BR-469.

Erguido numa área total de 23 mil metros quadrados, com 13 mil m² de área construída, o aquário contará com tanques que somam cerca de 3,5 milhões de litros de água, ambientando mais de 300 espécies aquáticas, distribuídas em 28 recintos com 51 visores. A experiência dos visitantes será imersiva, educativa e sensorial, promovendo o conhecimento sobre os ecossistemas das bacias dos rios Paraná e Iguaçu, além de ambientes marinhos representados com riqueza cenográfica.

Entre os destaques, um tanque cenográfico recriará dois ambientes distintos: de um lado, a vegetação costeira; de outro, um recife de corais artificiais, projetado para simular com realismo os abrigos naturais desses animais em recifes reais. O objetivo é proporcionar bem-estar às espécies e educar os visitantes sobre a complexidade da vida subaquática.

Mas o AquaFoz não espera sua inauguração para começar a atuar. Mesmo antes de abrir as portas, já apoia dois importantes projetos científicos em parceria com a Unioeste e a UTFPR. Um estuda a diversidade de peixes na bacia do Rio Floriano, no interior do Parque Nacional do Iguaçu. O outro investiga as variações genéticas da espécie *Hoplias malabaricus* (popularmente conhecida como traíra) na bacia do Rio da Prata. Ambos contam com financiamento para bolsas, insumos e apoio de laboratórios, em um esforço que reafirma o

compromisso com a ciência e a conservação por meio do Instituto Vida e Água, braço de responsabilidade ambiental do Grupo Cataratas.

A expertise acumulada em projetos anteriores, como o AquaRio, no Rio de Janeiro, o maior aquário marinho da América do Sul, soma-se à inovação do AquaFoz, que terá papel-chave na educação ambiental, ciência e geração de empregos. A estimativa é que cerca de 300 postos diretos sejam criados, movimentando a economia local e consolidando Foz como referência em turismo sustentável no Brasil.

Para o presidente do Visit Iguassu, Jaime Mendes, o novo aquário reafirma o protagonismo da cidade no cenário turístico nacional: “Foz se mantém no pódio das cidades que oferecem novidades ao turista. O AquaFoz amplia as possibilidades de lazer, conhecimento e desenvolvimento, beneficiando todos os setores, gerando renda e distribuindo oportunidades”, afirma.

As obras começaram em agosto de 2023 e agora estão em fase de acabamento. Os grandes visores de acrílico, que permitirão ao público observar a vida aquática em detalhes, já começaram a ser instalados. O trajeto completo do visitante terá 750 metros, com uma sequência expositiva que permitirá compreender os biomas locais, identificar espécies ameaçadas e entender o impacto das ações humanas sobre os ecossistemas.

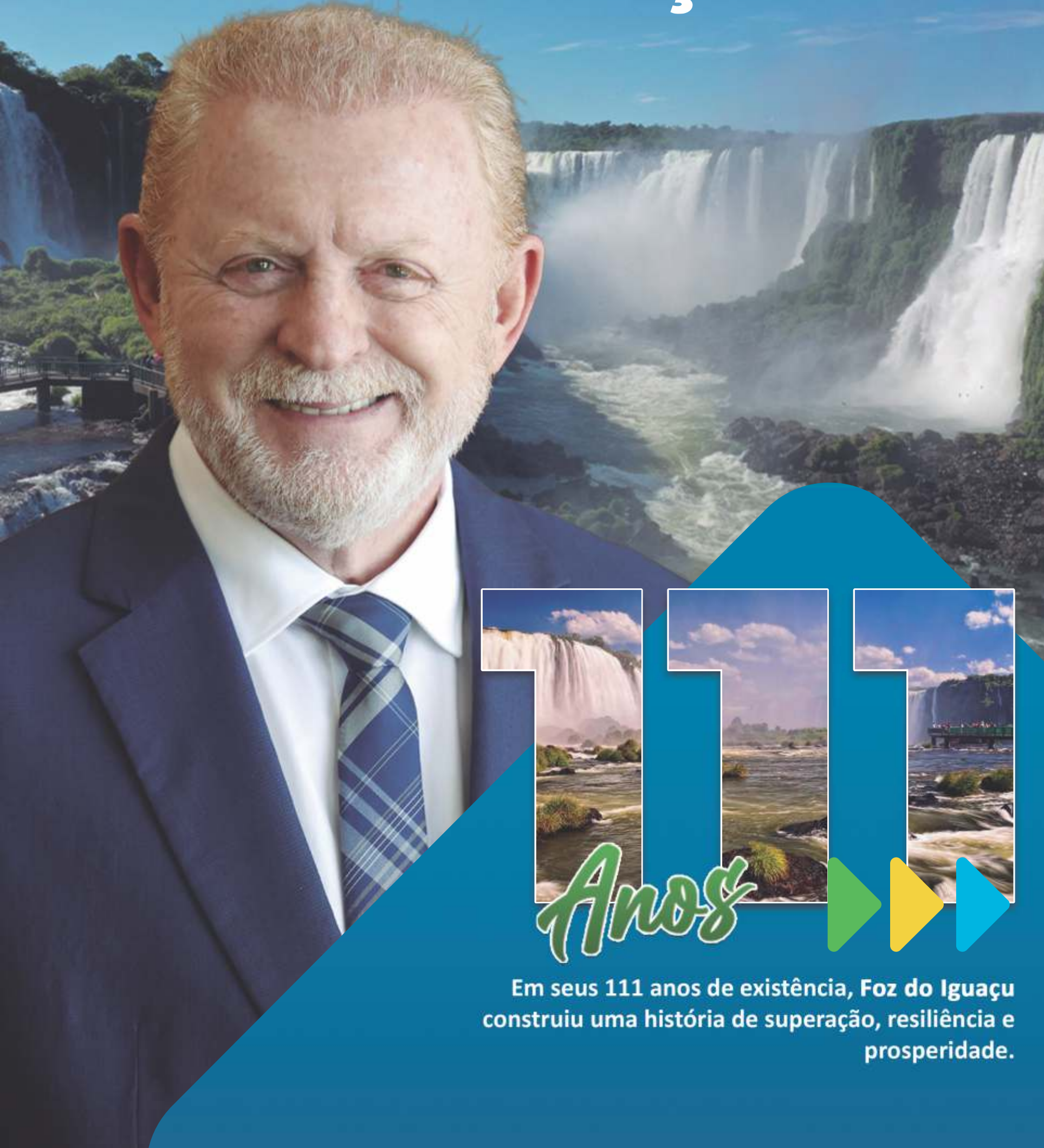
Ao lado do Parque Nacional do Iguaçu, do Parque das Aves e da Helisul, o AquaFoz cria um novo eixo temático e educativo na região, consolidando Foz do Iguaçu como um destino onde natureza, ciência e turismo se entrelaçam em prol do futuro.



10 DE JUNHO

PARABÉNS

FOZ DO IGUAÇU



Em seus 111 anos de existência, Foz do Iguaçu
construiu uma história de superação, resiliência e
prosperidade.



Foz do Iguaçu amplia produção cultural, mas enfrenta falta de infraestrutura

Movimento artístico cresce em diversas áreas, mas ausência de um teatro municipal expõe gargalos estruturais

Foz do Iguaçu atravessa uma fase de forte dinamismo cultural. Conhecida por sua posição estratégica na tríplice fronteira, a cidade tem registrado avanços significativos em diferentes linguagens artísticas. A produção literária se intensifica, o setor audiovisual ganha corpo, surgem novas iniciativas de dramaturgia e o cenário musical local se mostra cada vez mais ativo. A presença recorrente de artistas nacionais em eventos na cidade reforça o potencial de Foz como destino cultural relevante.

Apesar do crescimento, a falta de infraestrutura pública adequada ainda é um obstáculo central. A principal demanda do setor cultural hoje é a criação de um teatro municipal. Sem um espaço técnico apropriado, companhias de dança, grupos de balé, bandas, orquestras e corais locais enfrentam dificuldades para realizar apresentações com qualidade e segurança.

Paralelamente, áreas como as artes visuais e o artesanato também ganham visibilidade, não apenas como manifestações artísticas, mas como atividades econômicas. Feiras, exposições, oficinas e eventos colaborativos movimentam a economia criativa local, geram renda e fortalecem cadeias produtivas. Um marco recente nesse processo foi a inauguração da Estação Cultural do Artesanato Anamaria Teigão, consolidando o segmento como patrimônio cultural e vetor de desenvolvimento social.

Na esfera institucional, a política cultural do município tem avançado. O Conselho Municipal de Cultura (CMC), renovado por eleições diretas com ampla participação da sociedade civil, atua no acompanhamento de políticas públicas,



A arte está nas ruas; os artistas trabalham todos os espaços possíveis, mas esperam por estruturas adequadas

formulação de diretrizes e articulação entre artistas e poder público. O fortalecimento do CMC é considerado essencial para a gestão democrática da cultura local.

Outro ponto de destaque é o Plano Municipal de Cultura, construído com participação popular e que estabelece metas e estratégias para o setor a médio e longo prazo. Leis de fomento como a Aldir Blanc e a Paulo Gustavo também têm viabilizado editais e formações, beneficiando centenas de profissionais da cultura.

Foz do Iguaçu também ampliou sua presença em instâncias estaduais de decisão. A recente eleição dos representantes do Conselho Estadual de Cultura (CONSEC) para o biênio 2025–2027 colocou o artista e produtor cultural Juca Rodrigues como titular da Região Oeste. Com trajetória reconhecida em projetos de arte e inclusão, Rodrigues reforça a representatividade iguaçuense no cenário estadual.

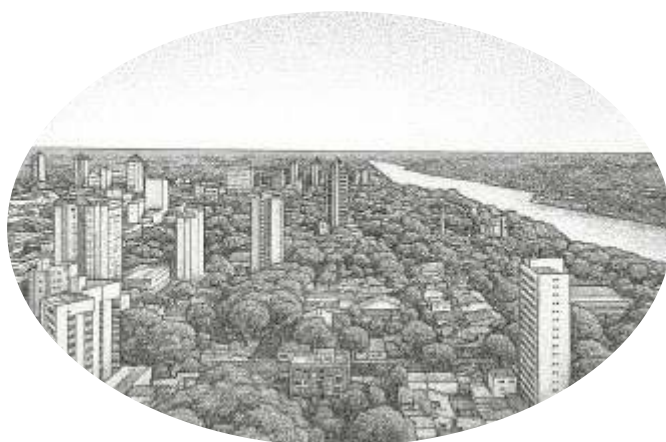
O atual panorama revela uma cidade culturalmente ativa e em transformação. No entanto, sem investimentos contínuos, políticas públicas estruturantes e infraestrutura adequada, o setor corre o risco de estagnar. A consolidação de Foz do Iguaçu como polo cultural passa necessariamente pelo enfrentamento desses desafios.





Foz, entre o agora e o amanhã

111 anos de identidade, desafios e possibilidades



Atravessar as páginas deste suplemento é como percorrer os caminhos múltiplos de Foz do Iguaçu. A cidade das águas que correm entre três fronteiras; dos povos que falam em dezenas de idiomas; dos contrastes entre natureza exuberante e urbanização crescente. A cidade que nasceu com vocação geopolítica e cresceu entre pactos de sobrevivência, sonhos coletivos e decisões de Estado.

Nestes 111 anos, Foz se fez grande, mas não necessariamente simples. Suas camadas de história revelam conquistas e feridas, avanços importantes e desafios persistentes. A cada década, a cidade se reinventou: foi militarizada, binacionalizada, loteada, canalizada, asfaltada, densificada — mas nunca perdeu a vocação para surpreender.

Este suplemento especial buscou revisitar marcos fundadores, como a passagem de Santos Dumont e o surgimento do Parque Nacional do Iguaçu, o impacto de Itaipu, os ciclos econômicos, o turismo, a integração fronteiriça e a pulsação multicultural que define o cotidiano iguaçuense. Também revelamos novas expressões da cidade: a inovação tecnológica nos serviços públicos, o cuidado com as populações vulneráveis, a mobilização esportiva, a cultura que resiste e a saúde que se reestrutura. São sinais de uma cidade que não se contenta com o que foi — e que já ensaia o que quer ser.

O que vimos, ao longo destas páginas, é uma Foz que sonha com mais equidade, com mais dignidade urbana, com mais vizinhança entre seus próprios bairros. Uma Foz onde a política não seja só disputa de poder, mas instrumento de transformação. Onde a história não seja apenas contada, mas continuamente questionada, revisitada e celebrada.

E é a partir deste olhar coletivo, construído com tantos relatos, que nos permitimos imaginar os próximos anos.

Se tudo o que aqui se anuncia sair do papel — se os projetos se consolidarem, se as redes de cuidado crescerem, se as tecnologias forem acessíveis, se as pontes (todas elas, não só as físicas) forem preservadas —, Foz poderá ser muito mais que um destino. Poderá ser exemplo. Um lugar onde o passado se conversa com o futuro e onde o presente é vivido com mais pertencimento.

Talvez a Foz dos próximos anos seja aquela em que nenhuma criança precise estudar com fome. Em que a fila para cirurgia não seja maior que a esperança. Em que a rua mais afastada da cidade também tenha o mesmo cuidado que o centro. Em que a diversidade deixe de ser um dado e passe a ser uma política. Em que o iguaçuense — nascido aqui ou acolhido — se reconheça como parte de uma cidade que não apenas funciona, mas pulsa.

Que esta edição especial não se encerre nesta leitura, mas se prolongue em ação. Que ela inspire os próximos 111 anos com a mesma ousadia de quem ousou fundar uma cidade no meio da selva e do conflito, e decidiu, contra todos os prognósticos, transformá-la num território de encontros, afetos e possibilidades.





FEITO POR IGUAÇUENSES, *para iguaçuenses*

MERCADO PÚBLICO BARRAGEIRO: TURISMO,
CULTURA E GASTRONOMIA EM UM SÓ LUGAR!



Avenida Araucária, 140. Vila A.
Foz do Iguaçu - PR



Funcionamento:
Terça a sábado, das 10h às 22h.
Domingo, das 09h às 22h.



MERCADO
PÚBLICO
BARRAGEIRO

Gestão



Iniciativa

